Fundado em 1864, o seu Arquivo é Tesouro Nacional

Diário de Notícias

www.dn.pt / Domingo 22.9.2024 / Diário / Ano 160.º / N.º 56 766 / € 2,00 / Diretor Filipe Alves Diretores Adjuntos Leonídio Paulo Ferreira, Nuno Vinha e Valentina Marcelino

ENSINO SUPERIOR
Interior está a captar cada vez menos alunos

Das 3728 vagas por ocupar na 3.ª fase de acesso ao ensino superior, quase 40% são de instituições do Interior do país. A diminuição da população nessas zonas, o aumento do custo de vida para os alunos deslocados e a maior concorrência de instituições no Litoral são explicações apontadas ao DN por vários especialistas.

PÁGS. 4-5

Fogos
PJ deteve suspeito de ter ateado grande incêndio de Sever do Vouga

PÁG. 16

Médio Oriente
Israel fez novos ataques no Sul do Líbano

PÁG. 19



HOJE COM O SEU DN

San Sebastián
Um festival sob o feitiço da nova Emmanuelle

PÁGS. 26-27



EXCLUSIVO
Laqueações negadas no SNS: Hospital de Tomar abre inquérito

PÁGS. 10-13

IVO PEREIRA/GLOBAL IMAGENS

Crise no Benfica
Insultos, confusão na AG e demissão de Fernando Seara

PÁG. 23

IMPOSTOS MAIORIA DOS TRABALHADORES JÁ SENTIRÁ ALÍVIO DE IRS NO ORDENADO DESTE MÊS

PÁG. 17



Editorial

Leonídio Paulo Ferreira
Diretor adjunto do Diário de Notícias

O mundo perigoso

A cena dos helicópteros a atacar ao som da *Cavalgada das Valquírias* é das mais memoráveis de *Apocalipse Now*, talvez o mais memorável dos filmes sobre a Guerra do Vietname, isto apesar da concorrência de *Platoon*, *O Caçador* ou *Nascido para Matar*. Vindos do lado do mar, os americanos metralham lá de cima e veem-se vietnamitas a correr pelos campos para salvar a vida. Hollywood não esconde aqui o sofrimento do inimigo, mas o foco acaba por ser sempre o trauma dos próprios americanos, a tragédia de uma das muitas guerras quentes travadas durante a Guerra Fria num país longíssimo de Washington. Como também Moscovo é distante do Afeganistão, teatro de outra das tais guerras quentes, nesse caso a serem os helicópteros soviéticos a metralhar tudo o que se mexia cá em baixo.

Oficialmente, no lado vietnamita não houve trauma, disse-me há dias Nguyên Phan Quê Mai. Não houve trauma porque foram os vencedores, explicou-me a autora de *Quando as Montanhas Cantam*, um extraordinário livro agora publicado em Portugal, um retrato do Vietname do século XX através de uma saga familiar. Mas por trás da retórica triunfante de um regime tão comunista como nacionalista esconde-se a verdade, o inevitável trauma de quem sobreviveu à guerra. "Eu tenho um amigo que lutou na guerra e hoje em dia não pode dormir com a ventoinha no teto ligada, porque quando ele vê a ventoinha pensa em helicópteros americanos tentando atingi-lo", contou-me Nguyên Phan Quê Mai. Pesadelos sem precisar do acompanhamento da música de Wagner.

Falo da Guerra do Vietname por ter sido a maior das guerras quentes da Guerra Fria, aquela época em que as superpotências dividiam o mundo em coutadas de influência, armavam até aos dentes os aliados, mas evitavam um confronto direto que pudesse levar a uma escalada que arriscava ser nuclear. E falo da Guerra do Vietname porque acabou em 1975, com a queda de Saigão (e de novo os helicópteros, desta vez a retirar filas de gente em desespero no terraço de um hotel próximo da embaixada americana), mas, no entanto, as marcas do conflito estão lá, desde as bombas por explodir aos efeitos do Agente Laranja na água e no solo. Passados quase 50 anos do fim da guerra ainda se morre por causa dela. E o Vietname até conseguiu repor a paz e tornar-se um país de certo sucesso. Imaginem, pois, o que enfrenta o Afeganistão, que nunca deixou de estar em guerra e onde os mujaedines foram substituídos pelos talibãs.

O mundo nunca esteve tão perigoso desde o fim da Guerra Fria (até da ameaça nuclear se fala), lê-se em editoriais dos principais jornais do mundo e ouve-se em discursos de políticos. Com a guerra na Ucrânia a ameaçar colocar a Rússia em conflito com a NATO e a resposta israelita ao massacre de civis pelo Hamas a aproximar o Médio Oriente de uma guerra em larga escala, é evidente que o mundo está perigoso, e isto sem falar da tensão na Ásia Oriental por causa da reivindicação da China sobre Taiwan.

Mas há mais, muito mais, no que diz respeito a vivermos num mundo perigoso, o cenário oposto às expectativas logo a seguir à queda do Muro de Berlim, quando até se teorizava sobre o fim da História. Numa conversa este verão em Lisboa, o fundador do instituto que elabora o *Índice Global de Paz* chamou-me a atenção para o grande número de conflitos na atualidade, 56, um recorde não só desde o fim da Guerra Fria, mas desde o final da Segunda Guerra Mundial. "O mundo deveria dar mais atenção aos pequenos conflitos. Antes de se tornarem grandes como na Ucrânia ou em Gaza", alertou o australiano Steve Killelea.

Ora, se há algo que significa "o mundo", esse algo é a ONU, fundada exatamente no rescaldo da Segunda Guerra Mundial. Imensamente criticável, seja pelo poder de veto dado aos cinco membros permanentes do Conselho de Segurança, seja por esses cinco membros permanentes espelharem a relação de forças de 1945, e não a de 2024 (a Índia, o país mais populoso, está fora), a organização não deixa de ser o único fórum onde todos podem falar com todos e os pequenos países podem ser ouvidos. Isso, só por si, é admirável. E mesmo se haverá esta semana líderes a faltar à habitual chamada em Nova Iorque, e certamente intervenções de outros em tom conflituoso, nunca esquecer que é nos bastidores que muitas vezes o insolúvel se resolve.

Termino como comecei. Com o Vietname e os Estados Unidos. Eu era um jovem jornalista quando, em 1995, as relações entre os dois países foram normalizadas e tive de escrever essa notícia no DN. Aconteceu duas décadas depois do fim da guerra, quando o Vietname do Norte, apoiado pela União Soviética, derrotou o Vietname do Sul, aliado da América, e reunificou o país. Um outro passo para a reconciliação foi dado por Bill Clinton, quando visitou Hanói em 2000, o primeiro presidente americano desde Richard Nixon, em 1969, um ano depois da ofensiva do Tet. Os inimigos de ontem começavam naquele final do século XX a enterrar o passado. As feridas eram muitas, claro, basta pensar no fascínio de Hollywood pelo conflito que dividiu os americanos ou no nome que os vietnamitas deram a esses anos de combate: Guerra de Resistência contra os Americanos para Salvar a Nação. Mas a ideia de seguir em frente mostrou-se forte, até fortalecida pela geopolítica, com o Vietname a não esquecer uma curta guerra com a China em 1979 e sobretudo as ambições chinesas hoje sobre o mar do Sul da China e, portanto, a aproximar-se dos Estados Unidos ao ponto de porta-aviões americanos já terem visitado o país.

"Os americanos são bem acolhidos. Eu servi de intérprete para os veteranos que estavam a regressar ao Vietname para ver o país onde tinham combatido, e alguns deles perguntaram-me, a chorar muito, por que os acolhíamos tão bem? Eu disse que nós entendíamos o impacto da guerra neles também. Muitos americanos voltaram, muitos veteranos tentaram reconstruir escolas, doaram medicamentos aos hospitais. Muitos escritores escreveram sobre o Vietname. Então, acho que nós aprendemos a valorizar a humanidade do lado americano", disse-me Nguyên Phan Quê Mai, que ainda se recorda de brincar no abrigo antibombas que o avô escavou no jardim de casa e manteve mesmo depois da paz, porque receava que a guerra pudesse regressar.

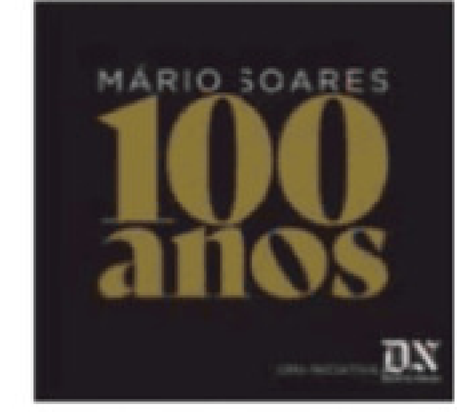
OS NÚMEROS DO DIA

281 MIGRANTES
chegaram às Canárias durante a noite de sexta-feira e a madrugada de ontem, em cinco embarcações, informaram as autoridades espanholas.

57 MIL AFETADOS
pelas inundações que atingiram esta semana o Sul e o Oeste da Polónia e que já provocaram sete mortes, segundo as primeiras estimativas do governo divulgadas ontem.

100 KG DE COCAÍNA
foram apreendidos num veleiro com bandeira dinamarquesa, proveniente da América Latina, pela Polícia Judiciária, que ainda deteve dois estrangeiros.

16 MORTOS
O Hezbollah anunciou ontem que dois dos seus comandantes morreram no ataque israelita de sexta-feira, perto de Beirute, que matou 16 membros da força de elite.





Direção: Filipe Alves (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira, Nuno Vinha e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Diretor de arte** Rui Leitão **Editores executivos** Carlos Ferro, Helena Tecedeiro, Pedro Sequeira **Editor executivo adjunto** Artur Cassiano **Grandes repórteres** Ana Mafalda Inácio, Fernanda Câncio e Leonardo Ralha **Editores** Sofia Fonseca, Carlos Nogueira, Ricardo Simões Ferreira, Rui Frias, Filipe Gil e Nuno Fernandes **Redatores** Alexandra Tavares-Telles, Amanda Lima, Ana Meireles, César Avó, David Pereira, Isabel Laranjo, Isaura Almeida, Mariana de Melo Gonçalves, Rui Miguel Godinho, Susete Henriques, Susana Salvador e Vítor Moita Cordeiro **Revisão** Adelaide Cabral **Arte** Eva Almeida (coordenadora), Fernando Almeida, Filipa Rodrigues e João Coelho **Dinheiro Vivo** Filipe Alves (Diretor) **Evasões** Pedro Lucas (coordenação) **Notícias Magazine** Inês Cardoso (Diretora) **Conselho de Redação** Ana Meireles, César Avó, Fernanda Câncio e Sofia Fonseca **Secretaria de redação** Carla Lopes (coordenadora) e Susana Rocha Alves ***E-mail* geral da redação** dnot@dn.pt ***E-mail* geral da publicidade** dnpub@dn.pt **Contactos** Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 5.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 515; Rua de Gonçalo Cristóvão, 195, 5.º – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100; Rua João Machado, 19, 2.ºA – 3000-226 Coimbra. Tel.: Redação: 961 663 378; Publicidade: 969 105 615. Estatuto editorial disponível em *www.dn.pt*. Tiragem média de fevereiro 2024: 6 084 exps.

ENSINO SUPERIOR


Foi no Politécnico de Bragança que ficaram mais vagas por preencher.

RUI OLIVEIRA / GLOBAL IMAGENS

3728

Vagas Ficaram ainda por ocupar 3728 lugares, que poderão ser disponibilizados na 3.ª fase do concurso (arranacou ontem e decorre até terça-feira).

38

por cento das vagas sobrantes da 2.ª fase do concurso são de Instituições localizadas no Interior. Politécnicos de Bragança e de Viseu são os que têm mais lugares por ocupar.

82,5

por cento Segundo dados do INE, recolhidos nos Censos 2021, 82,5% dos portugueses vivem nas regiões do Litoral, onde estão, também, 71% dos edifícios. Os cinco municípios com maiores densidades populacionais, em 2021 eram a Amadora, seguida do Porto, Odivelas, Lisboa e Oeiras.

Interior do país está a perder alunos. "Os jovens tendem a ocupar vagas de proximidade"

EDUCAÇÃO Número de colocados em instituições localizadas em regiões com menor procura e menor pressão demográfica diminui 2% (12.868 estudantes colocados) em comparação com o ano passado. Quase 40% das vagas sobrantes da 2.ª fase do Concurso Nacional de Acesso ao Ensino Superior são de instituições do Interior do país. A diminuição da população nessas zonas, o aumento do custo de vida para os alunos deslocados e a maior concorrência de instituições no Litoral são explicações apontadas.

TEXTO **CYNTHIA VALENTE**

Ficaram por ocupar 3728 lugares na 2.ª fase do Concurso Nacional de Acesso ao Ensino Superior (CNAES), vagas que poderão ser disponibilizadas na 3.ª fase. E 1419 das vagas sobrantes são de instituições do Interior do país, representando assim quase 40% do total. Os Institutos Politécnicos de Bragança, Viseu, Castelo Branco, Guarda e Setúbal foram os que tiveram mais vagas sobrantes (*ver caixa*). O número de colocados em instituições localizadas em regiões com menor procura e menor pressão demográfica, na 1.ª fase, diminui 2% (12.868 estudantes colocados) em comparação com o ano letivo anterior.

O Interior está a perder cada vez mais terreno e pelos mais variados motivos. Ao Diário de Notícias, António Fontainhas Fernandes, presidente da Comissão Nacional de Acesso ao Ensino Superior, salienta que "a queda populacional no Interior está a dificultar o recrutamento de estudantes para as instituições dessas áreas". Destaca ainda que a mobilidade estudantil tem sido limitada, em parte, "pelo aumento de vagas nas universidades e politécnicos das zonas do Litoral, o que incentiva os estudantes a permanecerem perto de casa". Para o responsável, "a mobilidade dos estudantes também é reduzida devido ao aumento de vagas nas instituições do Litoral".

Além disso, as despesas são um entrave na escolha de instituições de ensino superior localizadas no Interior do país. Os custos associados à deslocação, como a habitação e a alimentação, são uma barreira. "Esta dificuldade de atração do Interior tem também a ver com os custos dos estudantes deslocados. Os jovens tendem a ocupar vagas de proximidade. Se estão a viver no Litoral, tendem a ficar em espaços de residência. Se houver mais oferta de vagas nos espaços mais dinâmicos do ponto de vista económico, é evidente que há menor possibilidade de os estudantes do Litoral se inscreverem no Interior. Portanto, essa mobilidade diminui", sublinha.

O programa + Superior, destinado a atrair estudantes do Litoral para o Interior através de incentivos financeiros (*ver caixa*), tem dado um contributo positivo, mas António Fontainhas Fernandes considera que "precisa de ser mais atrativo, aumentando o número de bolsas e o valor oferecido aos estudantes e com mais incentivos". Contudo, alerta, "não podem ser as instituições de ensino a depender do seu orçamento para esse incentivo".

O presidente da Comissão Nacional de Acesso ao Ensino Superior defende a necessidade de políticas públicas mais eficazes, que promovam a escolha das instituições do Interior, assim como a

melhoria das condições para os estudantes deslocados. Questionado se a oferta curricular dessas instituições é a mais adequada, entende que sim, mas refere que a mobilidade de estudantes do Litoral para o Interior pode ser potenciada com ofertas mais atrativas e "diferenciadoras". "É natural que, se aumentarmos as vagas nos cursos mais atrativos no Litoral, os jovens queiram ficar no Litoral. Veja-se o caso da Beira Interior, que teve uma aposta em Medicina. Tornou-se mais atrativa. E para resolver o problema da falta de médicos tem de se aumentar a formação de médicos em espaços de proximidade no Interior. Para isso é preciso dar condições às instituições", explica.

E alerta ainda para o maior abandono dos estudos de estudantes da zona Interior após o primeiro ano. "Os estudantes deslocados enfrentam custos que podem ultrapassar os 900 euros por mês, o que, para muitas famílias, especialmente as de condições socioeconómicas mais desfavorecidas, pode ser um fator determinante para o abandono dos estudos", alerta, recordando que, "sempre que há agressividade do mercado [mais e melhores ofertas de trabalho] ou crises económicas, muitos alunos abandonam os estudos e optam por entrar no mercado de trabalho".

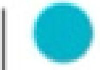
Aumento das despesas com habitação também afeta estudantes do Interior

O custo de vida dos jovens universitários ronda os 900 euros por mês. Os números constam de um estudo do Instituto Universitário de Lisboa, divulgado no mês passado, e, apesar de ser aparentemente menos dispendioso estudar no Interior, a verdade é que o custo médio de bens e serviços também aumentou nas regiões com menor pressão demográfica. Maria José Fernandes, presidente do Conselho Coordenador dos Institutos Superiores Politécnicos (CCISP), evidencia que há um aumento significativo de preços da habitação também no Interior. "A título de exemplo, em Barcelos, apesar de não ser propriamente Interior, tenho alunos que não conseguem encontrar quarto. Outras instituições indicam que as dificuldades dos alunos não são encontrar casa, mas sim encontrar habitação a preços acessíveis. Esse aumento brutal dos custos da habitação não se verifica só no Litoral", sublinha.

Para a presidente do CCISP, este pode ser um dos motivos para a perda de alunos nas zonas de menor densidade populacional, mas as razões são diversas e prendem-se essencialmente com a coesão territorial. "A dificuldade em fixar alunos no Interior está intimamente ligada à coesão territorial e à ausência de políticas públicas eficazes", afirma. E defende não se poder "olhar apenas para o CNAES", até porque "muitas das vagas sobrantes acabam por ser ocupadas por alunos de outros contingentes, como os maiores de 23 anos". Avança ainda haver um menor número de estudantes deslocados no Interior, onde as vagas tendem a ser ocupadas por alunos das proximidades. "É um indicador muito interessante. Nós, este ano, temos menos alunos deslocados. Em Barcelos temos as vagas completas e há uma procura acentuada de pessoas da região. E, nesse aspeto, os politécnicos dão uma boa resposta", sublinha. Contudo, é necessário alargar os apoios do programa + Superior, de forma a que os estudantes das regiões do Interior, que optam por prosseguir estudos nas suas regiões, também possam usufruir de apoio. "O + Superior é uma medida positiva para atrair alunos do Litoral para o Interior, mas defendemos que quem faz, por exemplo, um movimento de Braga para Bragança ou alunos que ficam no seu local do Interior também devem ter apoios. Seria muito positivo."

Instituições do Interior perderam vagas

Nas listas de vagas de acesso ao ensino superior para este ano (2024/2025), as instituições do Litoral ganharam mais espaço, principalmente as de Lisboa e Porto. No sentido inverso, o Interior do país perdeu muitos lugares, com o Instituto Politécnico de Bragança a liderar a tabela (menos 140 lugares), seguido do Politécnico da Guarda (menos 48) e a Universidade da Beira Interior (37). Maria José Fernandes opina que este é um dos problemas para a diminuição de alunos no Interior. "Temos de ter mais candidatos. Se houver mais candidatos, temos mais pessoas em condições de aceder ao ensino superior. E se a pressão for maior, o Litoral não é suficiente. A perda de alunos no Interior nada tem a ver com a qualidade das instituições. Os governos sucessivos têm de repensar o despacho de vagas que já limita muito o aumento de vagas no Litoral. Há uma política de restrição de vagas. No Interior não há limite para criar novos cursos ou mais vagas. Tem de haver políticas públicas de incentivo para estudar no Interior", esclarece. Paralelamente, explica, "é preciso haver mais empresas no Interior. É um problema que é muito mais do que apenas o incentivo ao ensino superior. Há outras políticas, como incentivos fiscais para as empresas, que devem ser também pensadas. A oferta curricular deve alinhar-se com o mercado, e a presença de empresas e incentivos fiscais são cruciais. Por exemplo, se houver grandes e boas empresas em zonas como Bragança, se houver mais investigação, se calhar os alunos optam por ficar nessas zonas, não é? É um bocadinho como os médicos. Há medidas próprias para fixar os médicos no Interior", sustenta.



Alunos do Interior têm mais apoios

Para os estudantes de instituições do Interior do país existe um programa de bolsas específico (Bolsas + Superior), que abrange tanto os novos alunos como os já colocados em anos anteriores (licenciaturas e mestrados). A bolsa Mobilidade + Superior oferece um montante anual de 1700 euros, mas pode chegar aos 1955 euros, para os alunos matriculados em cursos técnicos superiores profissionais ou que tenham ingressado no ensino superior através do concurso especial para maiores de 23 anos. Há ainda diferenças nos benefícios fiscais. As despesas de educação dedutíveis no IRS podem ir até ao máximo de mil euros, representando uma majoração de 10% face ao valor que as famílias do Litoral podem deduzir (800 euros).

INSTITUIÇÕES COM MAIS VAGAS SOBRANTES
(após 2.ª fase do Concurso Nacional de Acesso)

Instituto Politécnico de Bragança – 818
Instituto Politécnico de Viseu – 318
Instituto Politécnico de Castelo Branco – 258
Instituto Politécnico da Guarda – 226
Instituto Politécnico de Setúbal – 198

Alberto Amaral
"Limitar as vagas em Lisboa e Porto para forçar os alunos a ir para o Interior é um disparate"

ENTREVISTA Investigador do Centro de Investigação e Políticas do Ensino Superior (CIPES) acredita que 'fuga' de alunos do Interior para o Litoral vai continuar a aumentar.



"O problema de fundo é que Portugal é um país claramente desequilibrado, com uma enorme concentração de recursos em Lisboa e também no Porto."

Apesar das tentativas para fixar estudantes no Interior, a dificuldade acentua-se. Porquê?

A evolução da demografia em Portugal mostra uma diminuição crescente dos jovens em resultado de uma taxa de nascimentos demasiado baixa. Por esse motivo o número de candidatos ao ensino superior vai também baixar. Os alunos do Interior têm uma grande tendência para se deslocar para instituições de ensino do Litoral, muito em particular em Lisboa e Porto, onde a oferta de ensino é muito mais variada e onde as perspetivas de emprego no futuro são muito maiores. Num inquérito recente para o EDULOG (*think tank* para a Educação da Fundação Belmiro de Azevedo) verificou-se que a maioria dos alunos que se deslocaram para Lisboa e Porto não pretendem regressar aos lugares de origem depois de terminado o curso. O número de alunos que termina o secundário em Lisboa e no Porto é superior ao número de vagas no ensino superior público, o que permite a existência do ensino superior privado que está concentrado nestas regiões. No Interior, devido à baixa densidade populacional, não só os alunos são em número inferior às vagas, mas, além disso, têm grande tendência em escolher uma instituição do Litoral. Esta tendência vai continuar a acentuar-se no futuro na sequência da quebra demográfica.

O que deve ser feito para inverter essa tendência?

Uma forma de evitar a perda de alunos do Interior seria, eventualmente, a criação de uma instituição universitária de grande prestígio, o que exige um investimento substancial e continuado. Mas continuava a haver a questão do futuro emprego, pelo que mesmo os diplomados dessa instituição dificilmente ficariam na região. Na verdade, o problema de fundo é que Portugal é um país claramente desequilibrado, com uma enorme concentração de recursos em Lisboa e também no Porto. É um problema estrutural e, tal como no caso dos incêndios, sem se atacar o problema de fundo nada se resolve. As políticas que o ministério implementou há alguns anos, de limitar as vagas em Lisboa e Porto para forçar os alunos a irem para o Interior, são um disparate, pois eles não estão dispostos a essa deslocação e ou não continuam estudos ou vão para uma instituição privada, pois, apesar do valor das propinas, compensa não ter os encargos de uma deslocação. **C.V.**

Maria Inácia Rezola "O 25 de Abril continua a ser um tema muito lato e, felizmente, atual"

MEMÓRIA Comissária Executiva para as comemorações dos 50 anos do 25 de Abril falou com o DN no evento *Bootcamp da Sustentabilidade*, em Marvão. Passando em revista o trabalho feito até aqui, a historiadora levanta o véu sobre o que se segue e garante: para conhecer a história é preciso "ouvir as várias vozes" e interpretações dos acontecimentos.

ENTREVISTA **RUI MIGUEL GODINHO**



Enquanto comissária para estas celebrações dos 50 anos do 25 de Abril, que balanço é que faz do trabalho feito até aqui?
Não serei de certeza a melhor pessoa para fazer esse balanço. Mas na minha perspetiva tem corrido muito bem. No que diz respeito ao trabalho que a minha equipa desenvolve, que é muito exigente, acho que nos podemos sentir muito recompensados pela grande mobilização, pelo grande entusiasmo que o 25 de Abril continua a despertar. Foi comovente ver como, de Norte a Sul, todas as associações, todas as autarquias, todas as escolas quiseram participar neste momento de celebração. Outro aspeto muito interessante destas comemorações – e sobre o qual não sou responsável – é o facto de terem sido concebidas neste arco temporal tão lato. Ou seja: começaram em 2022, quando Portugal passou a ter mais dias de democracia do que de ditadura, e vão até ao encerramento da institucionalização da ordem democrática, a 12 de dezembro de 2026, quando se vão assinalar os 50 anos das primeiras eleições autarquias. Podemos dizer que estamos a meio caminho. A experiência até aqui foi muito positiva. Estas são matérias que toda a gente conhece. É por isso importante reavivar e, sobretudo, lançar perspetivas para novos estudos, novas reflexões e trazer para a atualidade todas estas questões: perceber como se chegou ao fim da ditadura, quem contribuiu e por que contribuiu para o fim dessa ditadura e o que é que foi o 25 de Abril e os primeiros momentos em liberdade.

"Estamos todos tão insatisfeitos, atribuímos tantas culpas e tanta responsabilidade ao passado e ao 25 de Abril. Mas qual é o papel que nos compete hoje nessa democracia, nos processos eleitorais e na cidadania?"

"Acho que ainda há um longuíssimo caminho para percorrer e isso está a mobilizar bastante as pessoas."

Até porque o 25 de Abril já é uma data muito estudada, mas há outros momentos da história, como por exemplo o 11 de março ou datas semelhantes que não estão tão aprofundadas, não é? Este também é um bocadinho o vosso trabalho, certo?
A partir daqui, a atividade continua tão ou mais intensa do que foi. Posso dar-lhe como exemplo o 100 anos do nascimento de Amílcar Cabral [celebrados no passado dia 12 de setembro], que é um tema incontornável para a questão da descolonização e que assinalamos. Teremos também a segunda parte da nossa exposição sobre o papel do Movimento das Forças Armadas (MFA) até 1982, que vai ser itinerante e que vai percorrer todo o país. Será dedicada às escolas, instituições e autarquias. Tenta explicar-se um pouco, ou melhor, lançam-se modos para as pessoas tentarem perceber como chegámos à plena democracia em 1982 e à Comunidade Económica Europeia (CEE). Pouco depois, a 9 de outubro, vamos ter uma exposição com um ciclo, com um colóquio associado onde se vai analisar a transição portuguesa e a espanhola em paralelo. Em novembro de 1975 morreu Francisco Franco, ditador espanhol, e começa uma transição muito diferente da nossa. Portanto, vamos ver pontos de contacto. Isto num espaço de um mês. Para se perceber: estamos já a preparar o próximo ano, nos 50 anos das primeiras eleições livres, a 25 de Abril de 1975. Aí, 92% dos portugueses foram votar. Queremos que esse ciclo seja um chapéu enquadrador de muitas outras iniciativas, em que não só a história de datas como o 28 de setembro de 1974 [quando alguns setores conservadores da sociedade se manifestaram em apoio a António Spínola, candidato presidencial], do 11 de março de 1975 [tentativa de golpe de Estado consequência do 28 de setembro], ou do primeiro recenseamento eleitoral, que é uma coisa fabulosa. É um processo muito pouco conhecido e fundamental para a democracia e para as eleições. Esse ciclo eleitoral permite, então, recuperar a história, mas também serve para pensarmos a democracia hoje. Estamos todos tão insatisfeitos, atribuímos tantas culpas e tanta responsabilidade ao passado e ao 25 de Abril. Mas qual é o papel que nos compete hoje nessa democracia, nos processos eleitorais e na cidadania? Finalmente, em 2026, temos a constitucionalização da nova ordem política, da democracia e o ciclo eleitoral que lhe dá vida. Não esqueçamos aqui em 2025 uma coisa muito importante – e que já começámos a assinalar nomeadamente nas redes sociais: a descolonização. Terá um grande momento no início do verão, do próximo ano. Comparando, nesta altura do ano, o processo já arrancou, já foram assinados, finalmente, os primeiros acordos e formalizam-se depois as descolonizações. Portanto, o caminho


LEONARDO NEGRÃO

que percorremos foi longo. Mas acho que ainda há um longuíssimo caminho para percorrer e isso está a mobilizar bastante as pessoas.

Nesse período têm também iniciativas para assinalar os 50 anos da Constituição?

Sim, ainda não temos esse ciclo encerrado, mas é uma das datas-chave que têm de se assinalar. A Constituição. Depois foram as primeiras legislativas, a seguir as presidenciais, a Madeira e os Açores, isto no verão de 1976, e depois as autárquicas no fim do ano, como é evidente.

Enquanto Comissão que trabalha nesse sentido temporal mais lato, qual é o vosso papel também para dar uma perspetiva sobre outras datas que não se cinjam ao 25 de Abril, que não sejam não uma consequência direta, mas que estejam interligadas? Sejam elas antes ou depois.

Tentamos sempre assinalá-las. E posso dar-lhe um bom exemplo desta nossa associação à agência Erasmus+ e ao evento [*Bootcamp da Sustentabilidade*] que realizamos. Sabe qual foi a primeira pergunta que coloquei aos participantes? "Vocês acham que há alguma relação entre o 25 de Abril e a sustentabilidade?" É evidente que há. Basta pensarmos no que são as três dimensões da sustentabilidade: ambiental, social e económica. E o que é que os três Ds do programa do MFA dizem? [Democratizar, Descolonizar e Desenvolver]. Não podia ser coincidência maior. Esta questão traz-nos, como é evidente, para outros debates da atualidade, relacionados com a questão intrínseca da mensagem do 25 de Abril, e que continuam a ser muito pertinentes. A questão da habitação, por exemplo, a questão da participação cívica, a questão da qualidade de vida, e que passa pelo ambiente e por muitas outras coisas. Portanto, às vezes, muito mais, do que desenvolver atividades próprias, lançamos alertas, estamos abertos a cooperar (porque temos limitações, claro) em todas as iniciativas que nos pareçam relevantes, interessantes, e onde possamos ajudar nesse sentido. Portanto, o tema é o 25 de Abril, mas o 25 de Abril continua a ser um tema muito lato, com muitas potencialidades e, felizmente, muito atual.

"Esta é a hora de ouvir as várias vozes, colocar as várias interpretações sobre a mesa. Só assim se vai compreender o que foi a construção da democracia."

Um dos debates que tem sido muito recente é a questão do 25 de Novembro, que é também uma data que está neste período em que trabalham, entre 1974 e 1976. Considera que o 25 de Novembro é uma data que merece ainda ser, não digo mais escrutinada, mas mais estudada? É uma cisão entre esquerdas, no fundo, mas parece não haver muito essa ideia.

Muito mais do que isso. E aí tocou no ponto exato. Desde o primeiro momento, quando definimos o programa – que se pode ver no nosso *site*–, há alguns momentos em que fomos muito restritos. Haverá três ou quatro datas em cada ano, mas estamos a assinalar muito mais, como é o caso desta iniciativa onde nos encontramos. O 25 de Novembro, incontornavelmente, está nessas datas. Não entendemos todo o processo anterior e posterior se não entendermos o 25 de Novembro. Mas também não se vai entender o 25 de Novembro se não souber o que foram, por exemplo, as primeiras eleições livres, o que foi o Verão Quente, para não recuar mais para trás. Ou seja, está a criar-se um mito e a empolar a questão do 25 de Novembro de uma forma um pouco absurda. O que é preciso é conhecer e discutir a história. E, aí, não existe uma só voz. Não é a nossa função, nem de nenhuma instituição, muito menos de um académico, dizer que há uma única versão sobre os acontecimentos. Esta é a hora de ouvir as várias vozes, colocar as várias interpretações sobre a mesa. Só assim se vai compreender o que foi a construção da democracia.



Com 27 anos, o candidato à liderança da JS é o mais jovem eurodeputado português.

ÁLVARO ISIDORO / GLOBAL IMAGENS

Bruno Gonçalves candidata-se e liderança da JS volta a ser disputada ao fim de 18 anos

JUVENTUDE Eurodeputado, que concorre contra Sofia Pereira, quer aproximar a política da sociedade e investimento público de 2% do PIB em habitação.

TEXTO **RUI MIGUEL GODINHO**

Aos 27 anos, o eurodeputado Bruno Gonçalves candidata-se à liderança da Juventude Socialista (JS). Do outro lado, já se sabe, terá a oposição de Sofia Pereira, atual secretária nacional da 'jota'. É a primeira vez desde 2006 que a corrida à liderança dos jovens do PS será disputada. Nesse ano, Pedro Nuno Santos, atual secretário-geral do PS, foi eleito para um segundo mandato, vencendo João Tiago Henriques. Desde então nunca mais houve uma eleição com mais de um candidato.

O mais jovem dos 21 eurodeputados portugueses oficializou ontem a sua candidatura, numa sessão em Matosinhos. Sofia Pereira fá-lo-á a 29 de setembro. Em declarações ao DN, Bruno Gonçalves assume que "a JS precisa mudar", ser "mais aberta à sociedade", e isso justifica a sua candidatura.

Considerando que a 'jota' do PS "deve voltar a centrar-se prioritariamente nas causas estruturantes, desde logo na luta pela emancipação dos mais jovens", o candidato estabelece prioridades: sofisticação da economia, aposta na inovação e ainda uma "reflexão nacional para a habitação pública que permita um investimento anual em habitação pública de 2% do PIB ao longo dos próximos 20 anos". Propostas estas que estão sob "as duas grandes bandeiras" da candidatura ("habitação e emprego de qualidade"). "Não basta afirmar que queremos ser diferentes, é preciso materializá-lo", refere.

E apoios? "Tenho o apoio dos militantes da Juventude Socialista por todo o país. Esta é uma eleição da Juventude Socialista, feita e participada por militantes da Juventude Socialista." Mas o atual secretário-geral, Miguel Costa Matos, apoiará a outra candidatura, numa ótica de sucessão. Sobre isso "não há nada a acrescentar. Estou de olhos postos no futuro, numa estrutura que mude a bem da pluralidade democrática e da justa participação, e nunca no passado", garante Bruno Gonçalves.

A eleição ainda não está marcada, mas acontecerá no Congresso da JS, que se realiza em dezembro. O facto de ser a primeira disputada em 18 anos e tal acontecer numa altura em que o PS está na oposição, é "coincidência". Afinal, "nesse período o PS já foi governo e oposição". E a existência de outra candidatura, diz Bruno Gonçalves, não é uma contrariedade. "Os partidos políticos, e a JS em concreto, devem procurar valorizar a diferença e utilizá-la para ser mais forte e representativa, nunca penalizá-la a fim de objetivos pessoais de curto ou longo prazo. A renovação faz-se com convivência com a diferença. Também por isso é muito positivo para a JS que existam pelo menos duas candidaturas", remata.



Opinião
Tiago Gaspar

A "república das bananas"

Outrora, nos primórdios desta expressão idiomática, ao referirmo-nos às "repúblicas das bananas" fazíamos uma alusão literal aos países tropicais onde esta fruta era abundante e cuja economia se encontrava significativamente dependente de empresas estrangeiras – como a célebre americana Chiquita. Posteriormente, fruto da violência e da corrupção geradas, como nota o escritor colombiano e Nobel da Literatura (1982) Gabriel García Márquez em *Cem Anos de Solidão*, passámos a associar esta expressão a instituições fracas, corruptas e disfuncionais. Atualmente, utilizamo-la para conferir, de um modo indiscriminado, um tom depreciativo à forma de organização e funcionamento de algo.

Assim, tudo é uma "república das bananas": o trânsito, a Assembleia da República, a casa da vizinha, a Procuradoria-Geral da República e por aí fora. Desta expressão surgem até autênticas derivações filosóficas, como a proferida recentemente pelo presidente da Câmara Municipal do Porto, Rui Moreira, que argumenta que "não somos [Portugal] uma república das bananas, somos uma república de bananas". Ora, embora o meu entendimento sobre bananas seja muito limitado, sobre repúblicas até percebo umas coisas, e parece-me inegável que em Portugal nos deparamos com uma autêntica "república das bananas": a Madeira.

Com 25,2 mil toneladas de banana produzidas em 2023, esta cultura é, de facto, um símbolo da região e uma atividade importante para a economia local – aliás, quem visitar a ilha em período eleitoral deparar-se-á com inúmeros cartazes a reivindicar a valorização do trabalho dos produtores. Contudo, o que nos deveria mesmo abananar por completo são as três rondas de buscas, como nunca antes vistas, que ocorreram nesta Região Autónoma desde o início do ano.

Parece mentira – oxalá fosse –, mas, de forma verdadeiramente impressionante, no cerne dos três inquéritos em curso encontram-se ações do Governo Regional e do PSD-Madeira, ambos presididos por Miguel Albuquerque. Perante este cenário, paira a sensação de que estamos a abandonar deliberadamente esta região. Não sendo o caso, quando irá o primeiro-ministro e líder do PSD, ou o Presidente da República, abordar a perversidade da banalização da circunstância de ter um líder regional e os seus aliados mais próximos constituídos arguidos e envoltos em suspeitas infindáveis?

Poderá não ser incompatível do ponto de vista jurídico ser-se governante e arguido simultaneamente (assim como ser-se governante e ter cadastro). Não obstante, como não me farto de sublinhar, a ética deve ser considerada além das questões jurídicas, pois a redução constante da relevância ética dos problemas em detrimento da legalidade dos mesmos procederá ainda mais à destruição da confiança – já deficitária – dos cidadãos nos seus representantes e instituições.

> **"É essencial que saibamos zelar por aspetos mais tangíveis, como o reforço da confiança dos cidadãos nas instituições. E hoje não sabemos.**

Mais, o combate à corrupção é, por si, um trabalho um tanto ou quanto ingrato. Por um lado, dada a sua natureza obscura, é difícil de identificar as práticas corruptivas. Por outro, "apanhados" os infratores, não é simples fazer prova dos crimes tipificados na legislação em vigor, muito menos obter penas efetivas. Portanto, é essencial que saibamos zelar por aspetos mais tangíveis, como o reforço da confiança dos cidadãos nas instituições. E hoje não sabemos.

De notar que, neste caso em particular, tratando-se de uma Região Autónoma, reconheço a existência de algumas limitações. Todavia, estas não podem servir de escudo para uma determinada elite nem de desculpa para a inação de outra. Ou melhor (ou pior), mal seria se a autonomia servisse para isso e não para servir melhor os cidadãos com base nas suas características geográficas, económicas, sociais e culturais, como estabelece a Constituição.

Dito isto, sendo esta uma verdadeira "república das bananas", talvez esteja na hora de sair da sombra da bananeira.

Mestre em Desenvolvimento Internacional e Políticas Públicas e membro fundador da All4Integrity.



Opinião
António Rebelo de Sousa

O grande equívoco

Durante muitos anos considerou-se que a grande linha de fratura existente era entre a direita e a esquerda: a direita neoliberal, seguidora de uma visão mais individualista do comportamento dos cidadãos, e a esquerda, mais socializante e com uma visão mais solidária da sociedade do futuro.

Sucede, todavia, que a situação existente hoje em dia se apresenta diferente: a grande linha de fratura passou a estar entre os adeptos da democracia e da liberdade (independentemente dos vícios e das fragilidades que a democracia apresenta em diversos casos) e os defensores ou meros conciliadores com a autocracia e a ditadura (em muitos casos justificada como solução temporária ou mal menor entre a autocracia de direita e a de esquerda).

Ora, quando se está confrontado com uma situação como esta, dizer-se, como muitos amigos meus de esquerda democrática dizem, que o problema do Chega não é um problema do PS, mas tão-somente um problema do PSD, não faz qualquer sentido.

Se o PS, fruto da sua dinâmica natural, atirar o PSD para a direita, o problema é do PSD, e não do PS.

Nada de mais errado para um democrata.

A existência de partidos como a Aliance Française, o Vox e o Chega é sempre um problema para a democracia e, por conseguinte, para todos os democratas e, portanto, também para o PS.

O PS não deve regozijar-se com uma dinâmica de aproximação do PSD ao Chega gerada pelo próprio PS.

Pelo contrário, numa conjuntura como a atual, PS e PSD deveriam procurar construir pontes que contribuíssem para enfraquecer os extremos.

Em França, os socialistas deveriam romper com os "mélenchistas", aproximando-se dos "macronistas", criando uma ampla convergência que permitisse construir uma "frente democrática".

Se no campo do PSD prevalecer a tese de que o inimigo principal é o PS, então a colonização do PSD pelo Chega será uma questão de tempo.

Se o campo do PS privilegiar um partido que considera exemplar um modelo de tipo "siciliano", como o russo, e um outro que ainda não renunciou expressamente à "ação revolucionária" ao PSD, então a inevitável transformação do socialismo democrático em mero refém da esquerda radical será também uma questão de alguns anos.

Enfim, criou-se a ideia de que ser-se moderado e realista corresponde a uma posição de fraqueza, confundindo-se o pragmatismo e o gradualismo com tibieza, com ausência de caráter, com a renúncia a uma personalidade forte, i. e., com estar-se predestinado a não se passar de um eterno *looser*.

Nada de mais errado.

Quando o SPD e a CDU souberam, na Alemanha, pôr de lado as suas divergências, construindo uma solução de "consenso nacional", então foi possível reconhecer que a esquerda democrática e a direita democrática ganharam ambos maturidade política.

A política não se reconduz a conjuntos de "tribos" entrincheirados em "zonas de influência" restritas e só tem a ganhar na criação de espaços amplos de tolerância e de entendimento.

Há quem não compreenda este desígnio.

Mas corre o risco de caminhar "alegremente" para a autodestruição do sistema democrático.

Nem mais, nem menos…



Criou-se a ideia de que ser-se moderado e realista corresponde a uma posição de fraqueza.

Economista e professor universitário.



Opinião
José Mendes

O sinal positivo das agências de *rating*

O problema das más notícias, para além dos factos concretos que as originam, é tomarem de assalto as primeiras páginas dos jornais, as aberturas dos noticiários televisivos e os alinhamentos das rádios, não deixando qualquer espaço para o resto, nomeadamente as boas novas. Assim foi com a fuga da cadeia de Vale de Judeus e com a tragédia dos fogos, pelo que passou despercebida a notícia da última sexta-feira que dava conta da melhoria do *outlook* da notação que a agência Fitch atribui a Portugal

Não é que tenha sido um salto quântico na notação. Contudo, a passagem da perspetiva "estável" para "positiva" relativamente à notação "A-" confirma um percurso de consolidação da avaliação que as agências de notação fazem de um país cuja dívida soberana andou mais de uma década pelo nível de "lixo".

Na presente data, todas as agências de notação de risco colocam Portugal no patamar A. Para além da Fitch, também a DBRS (A, positivo), a Moody's (A3, estável), a Standard & Poor's (A-, positivo) e a Scope (A-, positivo) entendem que comprar dívida portuguesa é um investimento de qualidade, o que tem como consequência a possibilidade de o país aceder ao crédito em melhores condições e diversificar as fontes de financiamento, reduzindo assim o fardo dos juros.

Ao que tudo indica, o olhar de fora para dentro sobre a saúde e a estabilidade das nossas contas públicas é bem mais positivo do que o retrato permanente dramatizado que nos é vendido diariamente pelos agitadores domésticos, que tendem a colocar no mesmo frasco e misturar tudo o que pode assustar os cidadãos, na procura de dividendos que tanto podem ser mais uns votos, uns pontos percentuais de audiência ou um acréscimo de protagonismo.

A agitação política dos últimos tempos, com a convocação antecipada de eleições nacionais e regionais, não tem ajudado muito à estabilidade. Mas estes são os mecanismos da democracia a funcionar, independentemente de serem passíveis de melhoria. Este tipo de dinâmica política é observado também em muitos outros países europeus, não significando tal que o seu projeto económico e social e a estabilidade das suas contas públicas estejam em crise.

Apesar dos solavancos, quem nos avalia do exterior confia no rumo que tem sido seguido na última década, mesmo quando a liderança do governo mudou de cor. Guerrilha política à parte, o desígnio da consolidação das boas contas públicas, materializado pelos superávites orçamentais, pela redução da dívida, pelo baixo desemprego, pela melhoria da balança comercial e pelo crescimento do PIB, veio para ficar na ação dos nossos governos, sejam socialistas ou sociais-democratas. É isso que as agências de notação nos estão a dizer, refletindo-o no *rating* do país.



Apesar dos solavancos, quem nos avalia do exterior confia no rumo que tem sido seguido na última década, mesmo quando a liderança do governo mudou de cor.

Professor catedrático.

Direitos reprodutivos

Recusa de laqueação de trompas é comum no SNS. Hospital de Tomar abre inquérito

ÉTICA A lei garante direito à esterilização voluntária a maiores de 25, mas há, como revelam vários testemunhos, médicos no SNS que, sem invocar objeção de consciência, recusam liminarmente acesso ao procedimento. No caso do Hospital de Tomar, revelado em agosto pelo DN, foi aberto inquérito. Questionada, a Ordem dos Médicos não responde.

A 21 de agosto, Maria, de 32 anos, ouviu da diretora de Ginecologia e Obstetrícia do Hospital de Tomar que não podia ali fazer uma laqueação. Um mês depois, o hospital ainda não lhe comunicou o motivo clínico da recusa.

TEXTO **FERNANDA CÂNCIO**

A carta chegou a Maria – foi esse o nome que o DN lhe deu – a 9 de setembro. Assinada por Carlos Gil, vogal executivo do Conselho de Administração da Unidade Local de Saúde do Médio Tejo/Hospital de Tomar, informa-a de que foi decidido pela administração, a 29 de agosto de 2024, "proceder à abertura de um processo de inquérito, para cabal esclarecimento da situação relatada". Em causa a recusa, pela diretora do serviço de ginecologia e obstetrícia daquela unidade de saúde, da laqueação de trompas que Maria tinha requerido formalmente na consulta de Planeamento Familiar.

Malgrado o anúncio da abertura de inquérito, Maria, que afirma querer levar este caso "até às últimas consequências", tendo efetuado já uma queixa no livro de reclamações do hospital e outra à Entidade Reguladora da Saúde, não conseguiu até agora que o hospital lhe comunique formalmente o motivo da recusa de acesso ao procedimento, que lhe foi transmitida por telefone a 21 de agosto.

É sobretudo pelas outras mulheres, declara Maria ao DN, que quer levar este processo até ao fim. "Gostaria que mais ninguém tivesse de ouvir o que ouvi daquela médica. Ela podia ter dito por exemplo que a lista de espera era muito longa, que tentasse noutro sítio. Ou que é contra a laqueação, que é objetora, e reencaminhar-me para outro médico. Mas dizer que não e pronto? Não é admissível."

Facto é que no SNS situações como a de Maria estão longe de ser excecionais, como o DN descobriu, na sequência da notícia sobre o seu caso, publicada a 27 de agosto. O jornal encontrou várias outras mulheres que tentaram efetuar uma laqueação de trompas no SNS e, como Maria, se depararam, apesar de preencherem as condições requeridas pela lei (serem maiores de 25), com recusas liminares e reações derrisórias.

O mesmo se passa noutros países onde a esterilização voluntária – laqueação de trompas e vasectomia – é um direito legal. Títulos de notícias francesas recentes (desde 2001 que em França se pode aceder à esterilização a partir dos 21) sobre a dificuldade de aceder a esse cuidado de saúde falam de "uma corrida de obstáculos"; na Bélgica usa-se a palavra "tabu".

O assunto já chegou às revistas da especialidade: em 2017, o *Journal of Obstetrics and Gynaecology* publicou um artigo no qual se conclui que várias mulheres com menos de 30 anos tinham, entre setembro de 2013 e março de 2017, encontrado dificuldades em aceder ao procedimento no Canadá –malgrado o consenso da Sociedade de Obstetras e Ginecologistas do país determinar que a contracepção definitiva deve estar disponível às mulheres (adultas) independentemente da idade ou do número de filhos. A conclusão do artigo é de que recusar pedidos de esterilização definitiva por parte de pessoas convenientemente informadas é uma forma de objeção de consciência e não uma decisão clínica.

Noutros locais, é a própria lei que está a ser posta em causa. No Brasil, entrou este ano no Supremo Tribunal Federal uma ação do Partido Socialista Brasileiro (partido de centro-esquerda ao qual pertence o vice-presidente do Governo Lula, Geraldo Alckmin) a questionar a constitucionalidade das regras legais para o acesso à laqueação e à vasectomia. Altera-

"Perguntei ao médico, em janeiro de 2023, na consulta de interrupção de gravidez, se podia fazer uma laqueação. Disse-me que não: 'Estou a ver que ainda só tem 30 anos e apenas dois filhos. Ninguém lhe faz uma laqueação nessas circunstâncias.' Achei que era a lei."


REINALDO RODRIGUES

"Muitas mulheres nem sabem o que a lei lhes garante, ou não têm alento para ir contra o que os médicos lhes dizem. Aliás não conheço nenhuma que tenha pedido para laquear as trompas e tenha conseguido."

das em 2022, permitem o acesso a maiores de 21 ou a menores de 21 que já tenham dois filhos (e impondo um prazo de 60 dias entre a manifestação da vontade e o procedimento) são consideradas pelo PSB "demasiado restritivas" e "uma indevida limitação dos direitos reprodutivos"; o sindicato dos Médicos do Paraná fala de "um absurdo dever de procriação" a propósito da exigência de dois filhos a quem seja menor de 21.

Por cá, o DN questionou a 3 de setembro o Colégio da Especialidade de Ginecologia e Obstetrícia da Ordem dos Médicos sobre a matéria, perguntando, nomeadamente, em que circunstâncias, para além da invocação de objeção de consciência (prevista na lei e que implica remissão para outro profissional), considera aquele órgão que um médico pode recusar a laqueação de trompas perante pedido, devidamente formalizado, de mulher maior de 25, e se não é obrigatório, do ponto de vista deontológico, que uma recusa seja formalmente fundamentada. Até à publicação deste artigo, e apesar da insistência do jornal, não houve resposta.

Mas já lá vamos; agora voltemos ao caso de Maria – que tenciona também apresentar queixa à Ordem dos Médicos.

"Não vai laquear as trompas aqui nem em nenhum hospital público"

Após ter comunicado ao seu médico de família a vontade de laquear as trompas, de ter, por ele, sido encaminhada para a consulta de planeamento familiar do Hospital de Tomar, e de nesta, depois de avaliada do ponto de vista clínico, ter efetuado formalmente o pedido de laqueação, Maria recebeu (a 21 de agosto) um telefonema da diretora do serviço de obstetrícia daquela unidade de saúde. Neste, a médica, alegando como motivo o facto de Maria ter 32 anos, um filho com menos de um ano (o bebé tinha 10 meses) e não padecer de uma condição grave, ter-lhe-á dito que não poderia fazer ali a laqueação – nem em nenhum outra unidade do SNS: "Não vai laquear as trompas aqui nem em nenhum hospital público". Confrontada pelo jornal com este relato, a médica não negou os termos da conversa.

Sobre a recusa em si, o hospital garantiu ao DN que não se deveu a objeção de consciência – que a lei, de 1984, reconhece aos médicos no caso de um pedido de esterilização –, mas sim a "critérios única e exclusivamente clínicos". Os quais explicou assim: "A realização do procedimento cirúrgico (…) num momento de pós-parto/puerpério da utente, envolveria riscos para a sua saúde que são desproporcionais". O hospital assegura porém que "a utente foi informada de que poderia solicitar referenciação para outra unidade": "Foi explicado à utente, pela Diretora do Serviço de Ginecologia-Obstetrícia, como deveria proceder para ser referenciada para outra unidade do SNS".

Ora Maria, que nega que lhe tenha sido mencionada a possibilidade de referenciação para outra unidade, tinha à data da recusa um filho de 10 meses – logo, não estava no puerpério (período correspondente às seis semanas após o parto, como precisou ao DN o presidente do Colégio da Especialidade de Obstetrícia e Ginecologia da Ordem dos Médicos, José Furtado Preso). Por outro lado, a existirem de facto motivos "clínicos" para a recusa, seriam, em princípio, válidos em todo o SNS – a referenciação para outra unidade dificilmente faria sentido.

Mas a estranheza da situação não se esgota no que foi já relatado pelo DN: um dia após a publicação da notícia neste jornal, Maria recebeu uma carta do hospital, datada de 22 de agosto, pela qual ficou a saber que tinha estado na lista de espera para a cirurgia ginecológica. E que no dia 21 (o do telefonema da diretora do serviço), "por decisão clínica", a sua inscrição nessa lista fora "cancelada". A carta informava-a de que tinha 10 dias para exprimir "alguma dúvida" – ou seja, contestar – mas não esclarecia qual o teor da dita "decisão clínica".

Aquando da receção da missiva, Maria exprimiu ao DN a sua perplexidade: "Na carta dizem, sobre eu ter estado na lista de espera, 'como é do seu conhecimento' – ora eu nunca soube disso. Colocaram-me numa lista de espera, não me disseram nada e depois tiraram-me? Isto está cada vez mais confuso". Logo no dia a seguir (29 de agosto) requereu, via email, que a esclarecessem sobre o teor e autoria da decisão clínica que a tinha colocado na lista de espera, assim como o inverso. "Informam que cumpri os requisitos para ser aceite e colocada numa fila de espera para cirurgia, mas depois fui removida por uma 'decisão clínica' que não é informada ou descrita na carta oficial do hospital", lê-se no referido email. "Peço assim formalmente que me enviem uma justificação acerca da decisão, e também uma cópia do meu processo com todos os documentos anexos."

"Não conheço uma mulher que tenha pedido para laquear as trompas e tenha conseguido"

Como já referido, até à publicação deste texto Maria não recebeu qualquer esclarecimento – à exceção do que o hospital comunicou ao DN – sobre o teor da alegada "decisão clínica". E também ainda não recebeu o seu processo clínico: foi-lhe comunicado via email a 11/9 que o pedido de acesso foi "validado", mas o tempo de resposta poderá variar entre 10 e 60 dias.

Enquanto aguarda o esclarecimento do hospital de Tomar, e agora também o resultado do inquérito que está a decorrer, Maria, que não desistiu da laqueação, foi encaminhada pelo seu médico de família – "Ele ficou muito perplexo e indignado com o que se passou" – para outro hospital. "Agora estou à espera de nova consulta de Planeamento Familiar. Mas sei que nem todas as mulheres têm um médico de família como o meu, que as apoie. Muitas ficam pelo caminho – ou nem sabem o que a lei garante, ou não têm alento para ir contra o que os médicos lhes dizem. Aliás não conheço nenhuma mulher que tenha pedido para laquear as trompas e tenha conseguido."

continua na página seguinte »

» continuação da página anterior

Não será Joana, 31 anos, residente no Alentejo, a contradizer Maria. Em janeiro de 2023, esta alentejana engravidou e decidiu fazer uma interrupção de gravidez (IG). "Já tinha dois filhos, um com cinco e outro de sete meses, não queria, não tinha capacidades psicológicas que me permitissem ter outro. Perguntei ao médico, na consulta de IG no hospital, se podia fazer uma laqueação. Disse que não: 'Estou a ver que ainda tem 30 anos e apenas dois filhos. Ninguém lhe faz uma laqueação nessas circunstâncias'".

Joana não discutiu: "Sou tímida e reservada e pensei que a lei era assim. Várias amigas também receberam informações semelhantes e aceitaram-nas como boas. Só soube que não é assim quando vi a referência à lei numa publicação da Associação Escolha [que denunciou o caso de Maria na sua conta de Instagram]. O que me deixou incrédula, agora que estou grávida do terceiro filho." Depois do parto, garante, vai insistir na esterilização. "Disseram-me que a vasectomia [esterilização masculina] não é feita na minha zona, não sei porquê, então vou voltar a pedir a laqueação. Tenho muita pena de que em 2024 se continue a silenciar as decisões que deveriam ser individuais e de cada mulher. Não somos, supostamente, donas do nosso corpo?"

A pergunta ecoa na página de Instagram da Escolha, onde, em comentário à partilha da denúncia de Maria e da notícia do DN sobre o caso, se sucedem testemunhos indignados. Daniela, 30 anos e duas filhas, conta que lhe disseram não "porque sou muito nova e me vou arrepender". Ana, de 27, igual: "Tenho a certeza absoluta de que não quero ter filhos. A minha mãe apoia-me a 100% mas infelizmente conhece o país que temos: sempre me disse que nunca ia conseguir que me fizessem o procedimento. No mês seguinte a fazer 26 falei disso ao meu médico de família. Só faltou chamar-me criança". A Catarina, 47 anos, a resposta é ao contrário: "Espero desde os 44 anos. Dizem que não fazem pela minha idade, mas ainda não estou na menopausa."

"Disse que só eram feitas a mulheres com claras falhas de saúde e sociais"

Demasiado novas, demasiado velhas. Teresa, 40 anos e dois filhos, pediu a laqueação aos 30 pela primeira vez. "Foi no segundo parto, no hospital de Santarém. Negaram pela minha idade, dizendo 'vocês todas querem fazer laqueação, depois arrependem-se'. Desisti. Na consulta pós-parto comentei com a obstetra que me acompanhou durante a gravidez e ela disse que deveriam ter feito, dado o meu histórico – tenho problemas de saúde e fiz duas cesarianas. Passados nove anos, voltei, numa consulta de hospital, a encontrar a mesma médica, que não se lembrava de mim. Voltei a falar de laqueação e ela voltou a perguntar porque não tinha feito aquando da cesariana. Insisti na laqueação e ela tentou demover-me de todas as maneiras. Quando sugeri uma vasectomia ao meu marido, achou ainda pior. Lá consegui ficar numa fila de espera para a cirurgia, mas ela avisou-me logo de que era 'enorme'. São muito contraditórios: aconselham-me a não ter filhos; se peço a laqueação ficam reticentes. Mas desta vez não desisti."

As histórias são todas semelhantes, quer tenham ocorrido agora ou há 20 anos. Em 2004, Carla ouviu parecido, com um brinde darwinista: "Estava, aos 31 anos, grávida da minha terceira filha, e pedi ao médico que me assistia na maternidade Daniel de Matos, em Coimbra, que me fizesse a laqueação. Explicou-me que nunca o faria durante o parto, porque prezava sempre o parto normal (até aqui, tudo bem), mas que de qualquer modo, nem ele nem nenhum outro médico ma poderia fazer no SNS, porque era muito nova e tinha boas condições de vida. As laqueações, afirmou, só eram feitas a mulheres com claras falhas de saúde e sociais."

Também Carla desconhecia que, há muito, a lei – com a qual o Código Deontológico da Ordem dos Médicos esteve até 2009 em contradição, estatuindo, ilegalmente, que a esterilização só podia ocorrer em "situações que objetivamente a justifiquem, e precedendo sempre o consentimento expresso do esterilizado e do respetivo cônjuge, quando casado" – lhe garantia o direito à laqueação, sem outra condição que ser maior de 25. "Depois houve a descriminalização do aborto, em 2007, e pensei que a laqueação teria passado a estar disponível para todas as mulheres. Fico triste por descobrir que os médicos ainda a recusam. E não consigo perceber porquê – acham melhor andarmos anos a tomar pílulas contracetivas, que têm tantas contra-indicações?"

Agora com 42 anos, congratula-se com a decisão. "Nunca me arrependi. Para quem está convencida de que não quer mais filhos é um descanso. E é uma operação simples, são dois furinhos na barriga [trata-se de uma intervenção por laparoscopia], fui para casa no mesmo dia. É mesmo surreal ter sido tão difícil conseguir algo tão básico."



"Tenho muita pena de que em 2024 se continue a silenciar as decisões que deveriam ser individuais e de cada mulher. Não somos, supostamente, donas do nosso corpo?"

"É gente demais a meter o bedelho nos nossos corpos"

Há, claro, quem consiga aceder ao procedimento – por vezes usando "truques". Como Gabriela. "Aos 33 anos, ao ter o meu segundo filho, a médica que ia fazer a cesariana perguntou-me se queria aproveitar para laquear as trompas. Disse que não porque nunca tinha pensado no assunto, mas três anos depois [em 2019] decidi fazer, até porque punha o DIU (dispositivo intra-uterino) e o corpo rejeitava, aquilo saía sem dar conta. Mas a médica de família disse que nem pensar, que podia vir a separar-me e casar com um homem que queria mais filhos." Um argumento interessante: se o novo marido quisesse filhos, ela teria de os querer também. Mas Gabriela não desistiu: tendo um


SERGEI SUPINSKY / AFP

Laqueações diminuem para um quarto e vasectomias quase triplicam desde 2014

EVOLUÇÃO Em 2023 houve 899 laqueações e 689 vasectomias com objetivo contraceptivo; em 2014 foram, respetivamente, 3429 e 252. Taxa de laqueação é de 0,5 por mil mulheres.

Na última década, houve 19.545 "episódios com procedimentos de laqueação de trompas como diagnóstico principal para efeitos de esterilização" e 3979 "episódios com procedimentos de vasectomia como diagnóstico principal para efeitos de esterilização".

Estes números foram fornecidos ao DN pela Administração Central do Sistema de Saúde (ACSS). Examinados em detalhe, demonstram que, sendo as vasectomias contracetivas quase um quinto das laqueações ao longo dos últimos 10 anos, as primeiras têm vindo a aumentar, enquanto as segundas decrescem. A ponto de em 2023 o total de umas e outras estar próximo: 899 laqueações e 689 vasectomias.

Os dados indicam também que as faixas etárias com mais laqueações e com mais vasectomias coincidem. Assim, é entre os 40 e os 44 anos que mais se efetuam estes procedimentos – em 2023, 39,3% das laqueações (353) e 35,5% (246) das vasectomias ocorreram nesse grupo etário. Segue-se a faixa dos 35/39 anos, que corresponde, respetivamente, a 33,3% e a 23,5% . A partir daqui há uma diferença: se o terceiro grupo é, nas laqueações, o dos 30 aos 34, com 16% (144), nas vasectomias é o dos 45 aos 49, ao qual respeitam 17,9% (123). E, compreensivelmente – a fecundidade nas mulheres termina, em regra, antes dos 55 –, se o registo de laqueações com o objetivo de esterilização pára na faixa etária 50/54 anos (dois procedimentos em 2023), nas vasectomias vai até aos 60/64 (registaram-se no mesmo período 11 destas cirurgias entre os 55 e os 64 anos).

O grupo no qual as vasectomias mais aumentaram ao longo da última década foi o dos 50 aos 54 (quadruplicaram, de 11 para 46); nas laqueações o decréscimo foi mais acentuado nos 35/39 e 25/29 (descendo para menos de um quarto).

Segundo o último relatório sobre interrupção de gravidez (IG) da Direção-Geral de Saúde (DGS), em 2022 foram efetuadas 202 laqueações na sequência da consulta pós-interrupção de gravidez, correspondendo a 1,3% dos métodos contracetivos escolhidos nessa consulta. Significando que 22,5% do total de laqueações registadas pela ACSS "para efeito de esterilização" – que o DN está a interpretar como tendo exclusivamente finalidade contracetiva – foram efetuadas na sequência de IG. Ainda segundo a DGS, a esmagadora maioria das laqueações pós-IG foram implementadas em mulheres acima dos 30 anos; mais de 63% entre os 30 e os 39. Uma percentagem bastante superior à que corresponde a esse grupo etário (49,3%) nos números da ACSS.

A preponderância da década dos 30 nas laqueações encontra-se igualmente nos dados que a Maternidade Alfredo da Costa, em Lisboa, facultou ao DN. Efetuaram-se ali, em 2023, "47 laqueações tubárias bilaterais/salpinjectomias por desejo de contraceção definitiva"; em 2024, e até 11 de setembro, foram 24 os procedimentos. A média de espera foi de seis meses e a da idade das mulheres semelhante nos dois anos: respetivamente 38,9 e 38,3. Outra informação adiantada pela MAC é que nestes dois anos "apenas 19% das mulheres eram da região de Lisboa".

Para efeitos de comparação, em 2022, segundo o diário francês *Le Monde*, foram efetuadas em França 20.325 laqueações e 30.288 vasectomias com fins contracetivos. No que respeita às laqueações, e tendo em conta o número de mulheres em idade reprodutiva em França – contabilizadas por a lei ali permitir a esterilização voluntária a partir dos 21, dos 20 aos 49 (9.667.33) –, a taxa é de 2,1 por mil mulheres. Em 2013, segundo um inquérito estatal, 4,3% das francesas em idade reprodutiva teriam escolhido a esterilização; entre os 40 e os 49 eram mais de 10%; dos 35 aos 39, 2,9%.

Em Portugal, havendo 1.652.856 mulheres dos 25 aos 49, a taxa de esterilização voluntária – calculada para o ano de 2023 com base nos dados da ACSS – é de 0,54 para mil, um quarto da francesa. Estas contas não são absolutamente exatas, porque os números da ACSS não podem ser interpretados como dizendo apenas respeito a esterilizações voluntárias, pois registam laqueações e vasectomias antes dos 25 anos – quando a lei só permite o acesso ao procedimento a partir dessa idade – e, inclusivamente, no caso das laqueações, em crianças (dos 10 aos 14 – cinco de 2014 a 2023). Implicando que também nas outras idades haverá esterilizações não voluntárias.

22,5% das laqueações contracetivas efetuadas em 2022 ocorreram na sequência de uma interrupção de gravidez.

"Estava, aos 31 anos, grávida da terceira filha, e pedi ao médico a laqueação. Disse que nem ele nem nenhum outro ma poderia fazer no SNS, por ser ainda nova e ter boas condições de vida. Que só se faziam a mulheres com claras falhas de saúde e sociais."

médico no privado, falou-lhe da sua decisão. "Percebi que os seguros de saúde não comparticipam a intervenção, a não ser que haja uma indicação clínica. O médico comentou: 'As minhas colegas parece que só querem fazer laqueação a mulheres com 43 ou 45, quando já não precisam'. E como trabalha num hospital público disse-me para ir à urgência ter com ele, que me encaminharia para uma consulta de ginecologia para esterilização definitiva. E assim foi. Assinei um documento em como era a minha vontade e acho quem nem meio ano esperei. As listas de espera não devem ser assim tão grandes."

Num testemunho na página da Escolha, uma Carol corrobora: "Demorei anos até conseguir fazer a minha e conheço mulheres que estão a tentar há muitos anos. Dão-lhes sempre a desculpa de se mudar de ideias, de que somos jovens para tomar um decisão dessas, de que o marido tem de concordar. É gente demais a meter o bedelho nos nossos corpos."

Este "meter de bedelho" não é, como já referido, exclusivo dos médicos portugueses. No diário francês *Le Monde*, em janeiro de 2024, uma reportagem sobre a esterilização voluntária antes dos 30 anos chegava à conclusão de que "para os jovens adultos sem filhos, e que não os querem ter, conseguir aceder a uma laqueação de trompas ou a uma vasectomia de objetivo contracetivo é ainda uma corrida de obstáculos".

No mês seguinte, no site *ActuBordeaux*, Julie contava como só conseguira efetuar a laqueação aos 37, depois de anos a deparar-se com médicos que, ignorando a lei, impunham condições como "já termos filhos, ou termos mais de 40 anos ou até autorização do marido". Houve inclusive, assevera, quem lhe tivesse exigido que passasse por "uma consulta de psicologia".

Atitudes que para o ginecologista francês Philippe Davis, ouvido em dezembro de 2022 pelo site *ouestfrance.fr*, são muito comuns (estima que 90% dos ginecologistas e urologistas franceses recusam a esterilização a pessoas abaixo dos 30), relevando de "uma visão paternalista médica: pensam que sabem melhor que as pessoas em causa o que é bom para elas".

Alexandra Marques

Retornados. "O que se diz hoje, 50 anos depois, é muito mais suave do que o que realmente aconteceu"

ENTREVISTA O DN conversou com a ex-jornalista e historiadora Alexandra Marques sobre o seu mais recente livro, *Deixar África (1974-1977)*, que completa *Os Segredos da Descolonização de Angola*. A autora fala de traumas e de perdas e prepara um próximo volume sobre o tema.

ENTREVISTA **VÍTOR MOITA CORDEIRO**



No livro descreve um episódio em que um editorial no jornal *A Tribuna* originou a prisão do diretor, por revelar descontentamento sobre a forma como estava a ser conduzido algum aspeto da descolonização. O que é que isto significa?

Sim, escreveu algo que desagradou profundamente às autoridades militares. O alto-comissário de Moçambique era o almirante Vítor Crespo, mas em Angola também muitos diretores de jornais foram saneados. Aconteceu também em Portugal, no período de José Saramago, no *Diário de Notícias* e outros, e quando foi fechada *A República* e a ocupação da Rádio Renascença. O período pós-25 de Abril é pouco estudado ainda ou então estudado do ponto de vista oficial, do prisma institucional, do prisma que não confronta as instituições, a Igreja, as Forças Armadas, o poder político, as forças de segurança. Portanto, todas essas instituições são vistas durante o período pré-constitucional como tendo feito o que podiam em prol da liberdade, de dar mais direitos, o programa dos três 'D' – descolonizar, democratizar e desenvolver –, do MFA [Movimento das Forças Armadas]. Mas a verdade é que esse período de dois anos foi bastante conturbado e, portanto, houve direitos, liberdades e garantias que foram cerceados, tanto na antiga metrópole, em Portugal, como nas ainda colónias, porque ainda não tinham sido concedidas as independências. Os próprios responsáveis militares, tanto Rosa Coutinho, em Angola, como Vítor Crespo, em Moçambique, asseguraram-se de que tinha que haver um controle informativo e uma censura, não só da imprensa. Quem não estivesse com a Revolução e com a descolonização era inimigo. Portanto, no fundo, é a mesma visão existente antes do Estado Novo, só que ao contrário. Quem não está com o PREC [Processo Revolucionário em Curso] está contra ele e é indesejado e saneado.

Seria uma reação face ao fantasma do Estado Novo?

A justificação é que a guerra ainda não tinha terminado. Em Angola, Portugal faz um cessar-fogo unilateral. Em maio de 1974 só a UNITA [União Nacional para a Independência Total de Angola] faz logo tréguas, portanto a seu pedido – Jonas Savimbi pede –, mas o MPLA [Movimento Popular de Libertação de Angola] e a FNLA [Frente Nacional de Libertação de Angola] não param, não declaram tréguas. E havia também o receio de um contragolpe de direita, com o apoio da África do Sul e da Rodésia, o que também foi extremamente empolado para justificar essas medidas de detenção, prisão, perseguição, enfim, a quem não estava a favor.

> *"Portugal estava a enfrentar uma crise. Temos que lembrar que o FMI esteve em Portugal em 1978. A primeira vez que é chamado é no governo de Mário Soares, em 1978."*

O Acordo do Alvor não trouxe equilíbrio aos movimentos de libertação?

Isto de fazer uma transferência de soberania para um movimento como foi com a Frelimo [Frente de Libertação de Moçambique] é mais simples. Agora, com três movimentos que desconfiam uns dos outros é extremamente delicado e a delegação portuguesa no Alvor esteve permanentemente a fazer um jogo de cintura. Mas tudo o que foi discutido no Alvor já tinha sido previamente acordado com Agostinho Neto, o MPLA, porque, no fundo, os decisores portugueses que estiveram no Alvor – Almeida Santos, Mário Soares, mas, sobretudo, Melo Antunes, que é o grande homem da descolonização, é o ministro sem pasta – queriam favorecer o MPLA, porque consideravam ser o mais preparado, o que tinha os melhores quadros, e, portanto, tanto a UNITA como a FNLA estavam sempre desconfiadas de que houvesse um favoritismo. Agora, nesta questão toda os interesses dos portugueses que viviam em Angola não foram propriamente defendidos nem protegidos. Mas isso o livro *Os Segredos da Descolonização de Angola* conta.

A principal queixa de quem veio para Portugal na sequência da descolonização é a perda dos seus bens. Vivia-se bem nas antigas colónias?

Quando nós hoje falamos do viver bem, achamos que é viver com luxos, faustosamente, mas não é verdade. É exatamente como era a sociedade portuguesa de então. Havia uma elite, uma minoria, como ainda hoje existe, mas que na altura do Estado Novo eram as grandes famílias que tinham poder económico. Também havia em Angola e em Moçambique essas famílias muito abastadas, mas que eram o quê, 5%? Nem tanto, porque a esmagadora maioria da população vivia do seu trabalho ou tinha pequenos negócios: uma oficina, um café, uma cantina, ou eram empregados do Estado, professores, funcionários das finanças. Portanto, no fundo faziam parte do quadro administrativo e não tinham uma vida faustosa. O que é que eles tinham que em Portugal não havia? Em Portugal, por muito que se trabalhasse e se ganhasse, e se trabalhasse para o Estado, não se conseguia adquirir uma casa. Na altura quase todos os portugueses viviam em casas arrendadas. E lá era possível comprar um terreno, exatamente pela posição de colono, e construir a casa. Muitos deles tinham a sua casinha, térrea, ou quem já tinha mais rendimentos construía um prédio de três andares, habitava um ou dois apartamentos e vendia os outros, ou arrendava, e viviam disso. Mas não era aquela vida que se imagina: comiam todos lagosta, tinham criados e faziam safaris. Não, isso acontecia com uma elite. E em Portugal também.

No livro refere que havia uma exploração do medo por parte do MPLA e FNLA. Tentavam que as populações negras tivessem medo das populações brancas e exploravam esta tensão racial. Funcionou em prol do movimento de libertação da Angola?

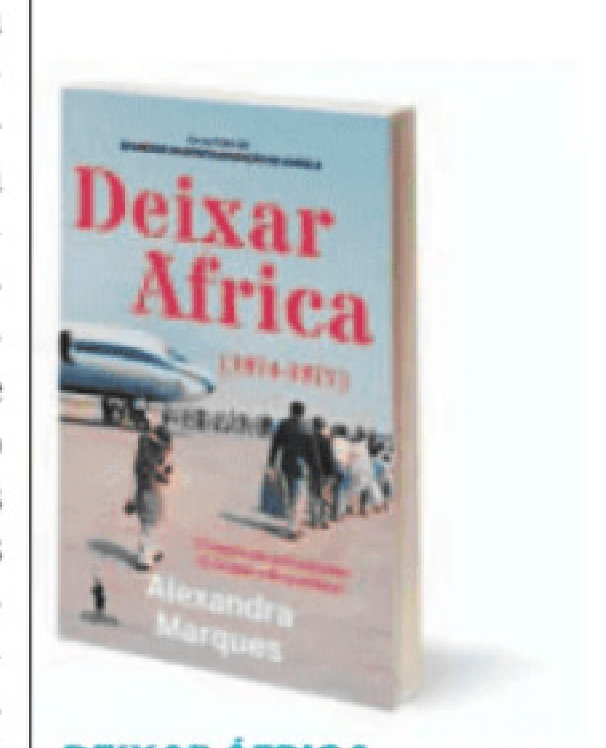
Obviamente. Quando se espa-


GERARDO SANTOS

lham boatos, e era de parte a parte, porque também havia um setor mais radical branco que lançava boatos de que os africanos, os negros, estavam a atacar ou que iam atacar, mas aí com intuitos de revolta, de escorraçar os portugueses, isso é uma tática revolucionária que não foi usada só em Angola ou em Moçambique. Em Portugal, durante o PREC, também se instigavam os trabalhadores a agredirem e atacarem os patrões, a ocuparem, invadirem, e portanto acicatando. "Vocês foram explorados, vocês têm razões para..." Portanto isto trata-se de um empoderamento revolucionário em que as pessoas dizem 'pois temos, é verdade que fomos explorados'. Tudo isso é o acender do rastilho que depois não se controla. Quando temos os ataques aos musseques ou populações a revoltarem-se, é exatamente porque estão a ser manobradas pelos comités da ação popular, mas isso também havia cá em Portugal durante o PREC.

A descolonização podia ter sido feita de outra forma?

Quando estive a escolher o tema para a tese de doutoramento, um dos professores, de uma das universidades, disse-me: "Você não vai querer fazer uma tese sobre se seria possível outro tipo de descolonização, pois não?" E eu aí percebi que não poderia fazer uma tese sobre isso, mas que poderia escrever um livro, ou vários. E assim, retrospetivamente, ou 50 anos depois, não podemos olhar para o passado e dizer que sim, que era possível fazer de outra maneira. Mas também não podemos ser tão submissos à versão oficial e dizer que foi a única forma possível. Talvez não tenha sido exemplar, mas foi a possível. Este é o discurso do Partido Socialista, de Mário Soares e Almeida Santos. Melo Antunes discorda e diz: "Não, foi a descolonização que quisemos." Foi a descolonização que o MFA quis. Ora, os documentos mostram que houve muitas outras decisões que poderiam ter sido tomadas e uma delas foi a disponibilidade das Nações Unidas em oferecerem meios logísticos para, já na primavera-verão de 1975, verão quente em Portugal, período mais complicado em Angola, porque a guerra civil já está em todo o território, as populações poderem ser evacuadas. Só há dois locais de embarque: Luanda e Nova Lisboa. Muitos estão a fugir para a África do Sul, para os tais campos de refugiados. Portanto através da Namíbia, que era o Sudeste Africano. Outros vêm nas traineiras. O Presidente da República, a Comissão Nacional de Descolonização, os governos gonçalvistas, os dirigentes, sobretudo do Partido Socialista e do Partido Comunista, dizem: "Não, Nações Unidas não, porque há uma ligação aos Estados Unidos e não queremos ajuda... Isto vai dar má imagem. Isto vai mostrar que o novo regime não soube lidar com a questão e vamos ficar mal na fotografia perante a comunidade internacional." E esse foi o motivo pelo qual não quisemos. Ou seja, deixámos chegar ao extremo de depois o Presidente Costa Gomes ter de escrever uma carta ao Gerald Ford, seu homólogo americano, a dizer: "Por favor, ajudem-nos, mandem aviões." É claro que a Euroflot também voou. Os países de Leste e os países não alinhados ajudaram. É claro que grande parte veio dos países já da União Europeia – Comunidade Económica Europeia [CEE] na altura – e dos Estados Unidos. Mas houve uma contrapartida, que, aliás, está mencionada no *Segredos*: Henry Kissinger, na altura, tem uma frase muito curiosa, que é: "Os Estados Unidos não são uma instituição de caridade. Nós damos essa ajuda, mas o primeiro-ministro Vasco Gonçalves tem que deixar o governo." E deixou.



DEIXAR ÁFRICA
Alexandra Marques
D. Quixote
19,98 euros
424 páginas

Foi uma chantagem?

Uma chantagem. Ou seja: "Queremos garantir que Portugal continue a pertencer à NATO. Sim senhor, somos vossos aliados, mas não podem continuar a ter um governo liderado por Vasco Gonçalves e a caminharem para um golpe revolucionário", que, tudo fazia prever, foi travado pelo 25 de Novembro, embora agora se diga que não, que não havia nenhum golpe preparado.

Houve vários golpes, nomeadamente o 11 de Março.

O 11 de Março diz-se que foi a reação à tentativa do Spínola... Pronto, a verdade é que, com as nacionalizações, a distribuição de armas, acho que é óbvio que não... O que se diz hoje, 50 anos depois, é muito mais suave do que o que realmente aconteceu. E por isso quando, 50 anos depois, vamos falar com pessoas que vieram da África, é natural que elas próprias recordem de uma maneira diferente. Enquanto os documentos que eu consulto são documentos que mostram feridas abertas, as pessoas estavam a sofrer naquele momento, estavam a sentir raiva, revolta contra os políticos do passado, do Estado Novo e da democracia, ou pelo menos do período pré-constitucional. E ali, sim, as emoções revelam-se sem filtro.

A Comissão Executiva de Repatriamento falhou a sua missão?

A missão foi cumprida, pois as pessoas vieram. Os movimentos armados angolanos diziam: "As pessoas podem ir, mas os bens ficam." É claro que alguns tentaram trazer a sua ferramenta de trabalho, até máquinas de escrever, para depois poderem cá começar uma profissão ou trabalhar. Mas realmente vieram. As condições em que vieram e, depois, as condições em que foram recebidos em Portugal isso será um tema a tratar futuramente.

Num próximo livro? Vai ser uma trilogia?

Exatamente. Esta saga só termina analisando agora o que passaram, como foi, como foram recebidos, o estigma que sofreram por ter vindo de África, os choques culturais, a reação das próprias famílias. A própria Dulce Maria Cardoso já disse: "Nós teríamos sido muito bem recebidos se viéssemos ricos, mas viemos pobres. E a pobreza afasta mais do que a cor da pele." As minorias que são discriminadas pela cor da pele, quando têm dinheiro, são muito bem recebidos nos nossos hotéis e nas nossas lojas, sejam angolanos, guineenses, moçambicanos. Mas se forem pobres e brancos, essa boa receção já não acontece. E Portugal estava a enfrentar uma crise. Temos que lembrar que o FMI esteve em Portugal em 1978. A primeira vez que é chamado é no governo de Mário Soares, em 1978, pois Portugal estava numa crise económica profunda e recebe quase um milhão de pessoas, que não são 500 mil, são seguramente mais de meio milhão, embora alguns tenham emigrado para o Brasil, Venezuela e África do Sul. Alguns não retornaram depois, quando entramos para a CEE, mas esta gente não era bem-vinda, esta gente não era considerada portuguesa. E há realmente histórias de cartas – mas isso será apenas um cheirinho para o próximo livro – de casos profundos de depressão, de perda de vontade de viver, de dizerem: "Eu já não estou cá a fazer nada, tiraram-me tudo, queria morrer na minha terra ou queria deixar os ossos em África." É esse lado humano que me interessa explorar.

vitor.cordeiro@dn.pt



JOSÉ COELHO/LUSA

Presidente e primeiro-ministro no último adeus a três bombeiros

O funeral dos três bombeiros voluntários de Vila Nova de Oliveirinha, que morreram na terça-feira quando combatiam um incêndio em Tábua, ficou marcado pelas palmas, o "som da dor" e a sirene dos bombeiros, que romperam o silêncio do cortejo fúnebre. Entre outras figuras, marcaram presença o Presidente da República, o primeiro-ministro e o presidente da Assembleia da República. No final da cerimónia religiosa, Américo Aguiar, bispo de Setúbal e capelão da Liga dos Bombeiros Portugueses, pediu união num momento de "dor, das mais dolorosas".

Fogos. Judiciária aumenta ritmo de detenções e prende suspeito em Sever do Vouga

INCÊNDIOS Homem é suspeito de atear vários fogos desde julho. Concelho foi dos mais fustigados pelas chamas da última semana.

A Polícia Judiciária (PJ) deteve um suspeito, de 47 anos, de atear quatro incêndios florestais na freguesia de Talhadas, concelho de Sever do Vouga, nos dias 17 de julho e 18 de setembro, anunciou em comunicado.

A PJ aumentou o ritmo de detenções de suspeitos por incêndio florestal nesta última semana, em que dispararam os números de fogos e de área ardida. Desde o passado sábado (dia 14), já foram detidos mais de uma dezena de suspeitos pela Judiciária.

No caso do homem ontem detido, a PJ informou que "através do Departamento de Investigação Criminal de Aveiro procedeu à identificação e detenção fora de flagrante delito do presumível autor de quatro crimes de incêndio florestal ocorridos no passado dia 17 de julho (três) e 18 de setembro (um), na freguesia de Talhadas, concelho de Sever do Vouga".

Segundo a polícia, o *modus operandi* "consistiu no recurso a chama direta para dar início ao incêndio em zonas de vegetação rasteira, junto a extensa mancha florestal, existindo ainda várias habitações e instalações industriais e agrícolas nas proximidades". A autoridade não conseguiu ainda "determinar qualquer motivação racional ou explicação plausível para a prática dos factos em investigação, atuando o suspeito num quadro de grave dependência alcoólica".

> Segundo dados do sistema Copernicus, a área ardida na última semana passa já os 124 mil hectares. 93% são nas regiões Norte e Centro.

A área ardida em Portugal continental desde domingo ultrapassa os 124 mil hectares, segundo o sistema europeu Copernicus, que mostra que nas regiões Norte e Centro já arderam mais de 116 mil hectares, 93% da área ardida em todo o território nacional.

DN/LUSA

"Problema das urgências não são as escalas, mas a falta de médicos", dizem gestores

SAÚDE Ministério fez despacho que permite aos hospitais alterar férias de médicos. Sindicato já reagiu.

TEXTO **ANA MAFALDA INÁCIO**

O Ministério da Saúde decidiu passar uma recomendação, que consta do Plano de Contingência para o Inverno, sobre a gestão das escalas médicas, a legislação. E vai fazê-lo através de um despacho, que será publicado em breve. O objetivo é "evitar" situações como as que se viveram este verão, com alguns serviços fechados. Mas sindicatos e administradores contestam. De uma forma geral, dizem que o problema não é de gestão de meios, mas de falta de recursos humanos.

Fonte do ministério confirmou ao DN a existência de um despacho sobre o assunto, tal como foi avançado ontem pelo *Público*, e explicou que o objetivo "é sensibilizar os conselhos de administração para a gestão das escalas de urgência no período de férias dos médicos, garantindo com tempo que estas não tenham buracos".

Do lado dos profissionais, a presidente da Federação Nacional dos Médicos (Fnam) já veio reagir dizendo que um despacho neste sentido "é absolutamente inaceitável" e que vai "afastar ainda mais os médicos do SNS". Segundo afirmou a vários órgãos de comunicação Joana Bordalo Sá, "o documento vai criar mal-estar" nas equipas que "estão a trabalhar em exaustão", acusando o ministério de "publicar unilateralmente alterações às regras que prejudicam os médicos".

> "O essencial neste momento é garantir que há mais médicos no SNS porque se melhorou as suas condições de trabalho."

O DN ouviu os administradores hospitalares sobre o assunto. Para Xavier Barreto, "a gestão das escalas já é uma obrigatoriedade dos hospitais", sublinhando que "a perceção que temos é de que, na grande generalidade dos casos, essa gestão é feita".

O presidente da Associação Portuguesa dos Administradores Hospitalares (APAH) diz mesmo: "As escalas já têm em conta as férias dos médicos, que já são desfasadas e distribuídas pelo ano todo de maneira a assegurar os horários. É natural que possa ter existido neste verão problemas com escalas num ou noutro hospital, mas não podemos confundir um caso com a generalidade dos hospitais do SNS." O administrador afirma perceber "a preocupação da tutela e a sua necessidade de recordar aos hospitais que têm de assegurar as escalas, mas, em boa verdade, isso já é feito". Mas a questão é que o problema das urgências do SNS "não está nas escalas nem nas férias dos médicos, está na falta de profissionais". "Este é o tema, não nos desfoquemos do essencial", comenta, acrescentando que "o essencial neste momento é garantir que há mais médicos no SNS porque se melhorou as suas condições de trabalho e que se avance também com a concentração de uma rede para as urgências e com a redefinição das equipas e até com mais investimento na gestão". Xavier Barreto aproveita para tecer críticas aos discursos sobre a gestão e questiona: "Que investimento é que este e outros governos têm feito na gestão do SNS?"

anamafaldainacio@dn.pt

Maioria dos trabalhadores já sentirá alívio de IRS no ordenado deste mês

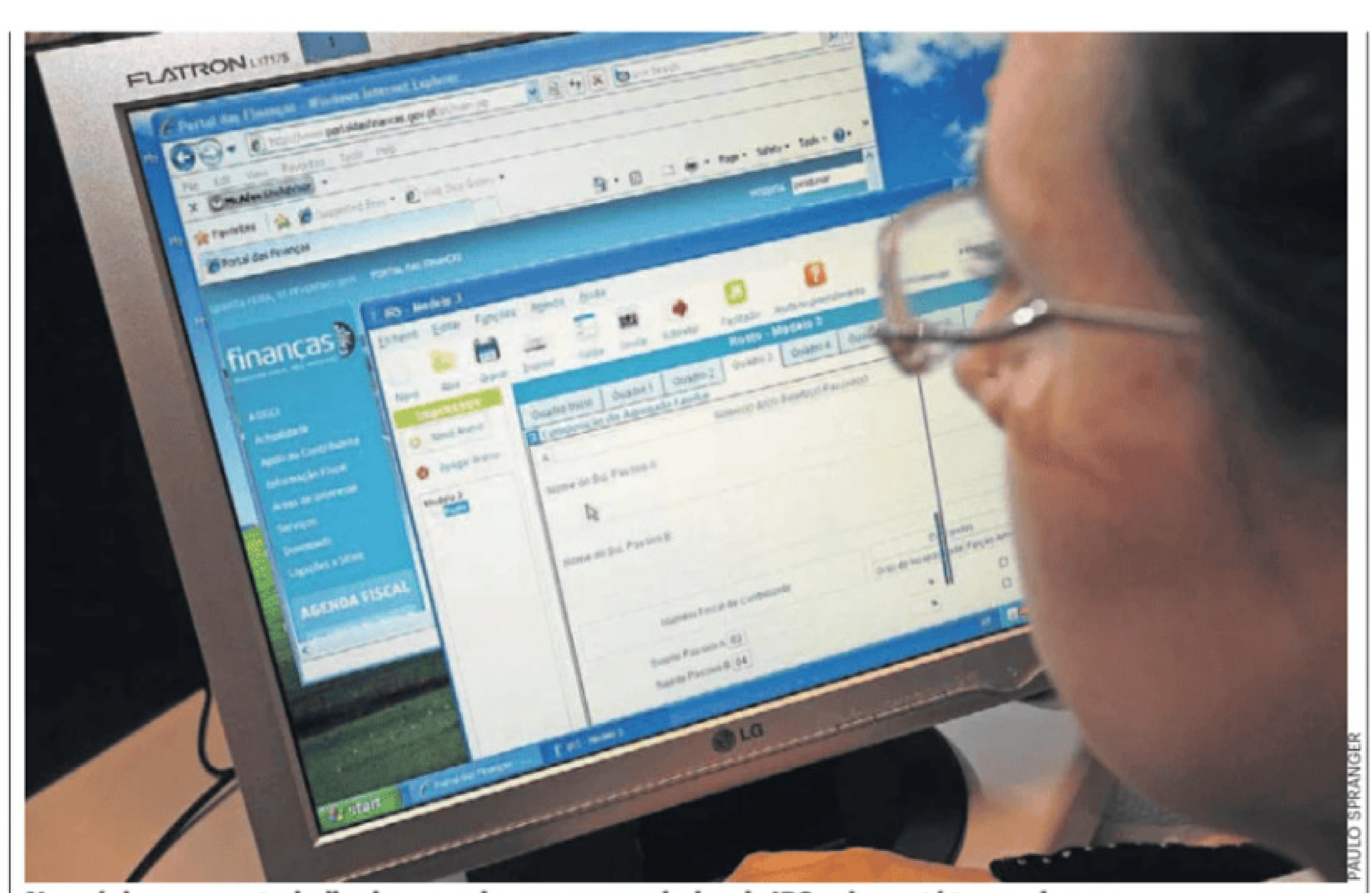
IMPOSTOS Nos próximos dois salários o bolso dos contribuintes vai ficar bem mais cheio com a aplicação das novas tabelas de retenção na fonte e dos retroativos a janeiro. Em 2025 haverá acerto de contas com o Estado.

TEXTO **SÓNIA SANTOS PEREIRA**

A quase generalidade dos trabalhadores dependentes já vai sentir no fim do mês o alívio fiscal da aplicação das novas tabelas de IRS, garante a bastonária da Ordem dos Contabilistas Certificados, Paula Franco. A maior parte dos *softwares* das pequenas e médias empresas já foi atualizado para acomodar a descida do imposto nos salários de setembro e outubro e garantir a retroatividade a janeiro dessa redução. Como frisa Paula Franco, os contabilistas certificados, que asseguram 90% do processamento de salários no país, prepararam-se com antecedência para estas alterações.

E admite a eventualidade de empresas ligadas a multinacionais, cujos *softwares* são feitos fora de Portugal, terem algumas dificuldades em aplicar em setembro as novas taxas. Nestes casos, os trabalhadores têm de aguardar mais algumas semanas, mas até dezembro a atualização tem de estar concluída. Recorde-se que no caso dos pensionistas só em outubro irão sentir este alívio fiscal. Isto porque quando as pensões referentes a setembro foram processadas não foi possível aplicar as novas tabelas, explicou já o Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social.

Os trabalhadores vão sentir o impacto da redução das taxas de retenção na fonte de IRS com particular incidência nos próximos dois salários, devido à retroatividade da medida. Essa é, aliás, uma das preocupações de Paula Franco. Como alerta: "É preciso que os trabalhadores tenham noção de que em setembro e outubro terão mais dinheiro disponível, mas a retenção vai ser substancialmente menor em novembro, próxima do que descontavam em agosto." Para a bastonária, "esta mensagem é muito importante. A taxa de retenção em novembro vai estar ligeiramente abaixo da aplicada em agosto, mas não tem o impacto de setembro e outubro".



PAULO SPRANGER

No próximo ano os trabalhadores podem ver o reembolso de IRS cair ou até terem de pagar.

1000 euros

Um trabalhador com um salário bruto de 1000 euros não irá ter qualquer retenção na fonte em setembro e outubro. Terá, assim, mais 82 euros na carteira, valor que descontava até agosto. Em novembro passa a reter 76 euros por mês. Obtém uma poupança de seis euros.

1800 euros

Um trabalhador com um salário bruto de 1800 euros irá descontar 24 euros em setembro e outubro, uma poupança de 259 euros face à retenção de 283 euros aplicada até agosto. Em novembro passa a reter 266 euros por mês. Obtém uma redução de 17 euros.

2500 euros

Um trabalhador com um salário bruto de 2500 euros irá descontar 100 euros em setembro e outubro, uma poupança de 431 euros face à retenção de 531 euros aplicada até agosto. Em novembro passa a reter 509 euros por mês. Obtém uma redução de 22 euros.

As novas tabelas de IRS têm em conta um primeiro modelo, a aplicar nos dois próximos salários, que visa compensar os trabalhadores e pensionistas do imposto retido a mais entre janeiro e agosto face à redução aprovada em junho no Parlamento. E um segundo, que será aplicado após este acerto de contas e onde a retenção da taxa já estará de acordo com o desconto estabelecido nas novas tabelas. Por exemplo, os salários até 1175 euros brutos ficarão livres de descontos em setembro e outubro, mas a taxa de IRS que incide sobre este valor de rendimento já será aplicada em novembro. O mesmo sucede com as pensões até 1487 euros mensais.

Esta redução das taxas de IRS tem por base uma proposta do PS, aprovada na Assembleia da República, que reduz as taxas do imposto até ao 6.º escalão de rendimentos entre 0,25 e 1,5 pontos percentuais. No entanto, todos os escalões vão sentir esta descida, por causa da progressividade do imposto.

A bastonária da OCC alerta ainda que os trabalhadores e pensionistas poderão assistir a uma redução dos reembolsos de IRS e mesmo a ter de pagar aquando do acerto de contas com o Estado em 2025. Quando, em abril do próximo ano, tiverem de apresentar a declaração anual de IRS referente aos rendimentos de 2024, será apurado se o trabalhador terá de pagar, receber ou se existe uma coincidência entre o montante descontado e o valor a pagar.

> Redução das taxas de IRS tem por base uma proposta do PS que reduz as taxas do imposto até ao 6.º escalão de rendimentos entre 0,25 e 1,5 pontos percentuais.

Note-se que as contas entre os trabalhadores e o Estado relativas aos rendimentos de 2023 ainda não estão totalmente encerradas, quando o prazo para a Autoridade Tributária enviar as notas de liquidação terminou a 31 de julho. Segundo Paula Franco, "há ainda declarações por liquidar", devido, nomeadamente, às alterações fiscais emanadas do programa Mais Habitação. Como refere, "trouxe medidas que tiveram impactos retroativos de isenções e prolongamento de prazos". Uma dessas situações prende-se com a possibilidade da venda de terrenos para construção ou de casas secundárias durante os anos de 2022, 2023 e 2024, que ficou isenta do pagamento de mais-valias caso os vendedores usem o dinheiro da venda para amortizarem dívida nos contratos de crédito à habitação.

Houve uma mudança significativa nas regras do IRS e "até nos *softwares* da Autoridade Tributária de liquidação de parte do IRS, mas essa mudança foi tardia", diz Paula Franco. E defende: o Fisco "tem que antecipar estes problemas, tal como os contabilistas certificados", admitindo que "não é fácil para nenhuma das partes, mas a nós também não nos é permitido atrasos". A Autoridade Tributária "por vezes não cumpre, não tem prazos" e não tem multas.

sonia.s.pereira@dinheirovivo.pt

SIMARSUL
Grupo Águas de Portugal

A SIMARSUL – Saneamento da Península de Setúbal, S.A., pretende recrutar

TÉCNICOS/AS SUPERIOR DE PLANEAMENTO E CONTROLO DE GESTÃO

Assegurar a realização das atividades inerentes ao processo de Planeamento e Controlo de Gestão visando apoiar tecnicamente a formulação de estratégias e garantir a produção da informação relevante sobre o desempenho da empresa em todas as vertentes do negócio. Garantir a adequada informação e representação (quando solicitada) da empresa para o exterior, designadamente junto dos *stakeholders*.

PRINCIPAIS TAREFAS:

- **Planeamento e Gestão Orçamental**
  - Colaborar na elaboração e nas atividades de controlo, de forma a identificar e analisar desvios, reportando o seu grau de cumprimento, bem como contribuir para as decisões de gestão e cumprimento de objetivos do Plano de Atividade e Orçamento da Empresa, propondo ações corretivas e pontos de melhoria, em articulação com as várias áreas de negócio.
  - Colaborar na atualização do Plano de Negócios da Concessão.
- **Controlo de Gestão**
  - Apoiar a análise e monitorização do desempenho da atividade da empresa, através da definição, em articulação com as unidades de negócio corporativas, de um conjunto de indicadores de gestão.
  - Atualizar os indicadores de gestão definidos.
  - Apoiar a manutenção e desenvolvimento de uma estrutura de contabilidade analítica e orçamental de acordo com as obrigatoriedades legais em vigor.
- **Análise da Performance/Desempenho**

  Em coordenação com todas as áreas da Empresa, manter e desenvolver indicadores que permitam avaliar e monitorizar regularmente o desempenho da Empresa, de forma a assegurar uma ferramenta de gestão fiável e contribuir para o bom desempenho da mesma. Assegurar a análise sistemática das variáveis e indicadores de desempenho da empresa.
- **Reporte**

  Garantir a disponibilização atempada e fiável de toda a informação necessária da empresa de forma a assegurar o cumprimento dos Deveres de Informação, nomeadamente:
  - Garantir a adequada e atempada informação de Controlo de Gestão de forma a permitir a correta leitura da situação económico/financeira da empresa.
  - Assegurar o reporte para o(s) acionista(s) e a terceiros, incluindo a resposta a inquéritos estatísticos.
  - Elaborar a análise económico-financeira das Atividades Complementares e Acessórias e efetuar o seu reporte anual à ERSAR.
  - Elaborar relatórios mensais para a gestão com informação do desempenho da atividade e indicadores chave do negócio, assegurando a qualidade dos dados e dos indicadores.
  - Elaborar o Relatório de Execução Trimestral.
  - Participar na elaboração do Relatório e Contas e de Sustentabilidade.
  - Gerir e acompanhar a regulação económica, incluindo o reporte de Contas ao regulador, designadamente as métricas.
- **Melhorias contínuas e melhores práticas**
  - Assegurar as melhores práticas e exemplos entre as empresas, e análise à aplicabilidade de novas tecnologias ou ferramentas de gestão, na procura da obtenção de maiores eficiências e rentabilização na gestão da informação prestada.
  - Contribuir para a otimização e uniformização dos processos de trabalho da área e da empresa.
  - Colaboração no desenvolvimento e manutenção do Sistema de Controlo Interno e sistema de Avaliação de Risco Empresarial.

PERFIL PRETENDIDO:

- Licenciatura em Gestão de Empresas/Economia ou outras similares.
- Experiência profissional mínima de 3 anos em funções de meio empresarial, preferencialmente inserida em atividades de Planeamento e Controlo de Gestão, e ou em áreas financeiras.
- Valoriza-se experiência profissional em regulação económica, "*corporate ou project finance*".
- Conhecimentos de Contabilidade Geral e Analítica, Planeamento e Controlo de Gestão e Análise Financeira.
- Ms Office.
- Conhecimento sólidos de SAP (requisito obrigatório).
- Excelência de Serviço, na atuação e na promoção interna enquanto cultura.
- Foco na melhoria contínua reconhecendo oportunidades face ao que existe e atuando em conformidade.
- Comunicação e trabalho em equipa.
- Responsabilidade Ambiental e Social.
- Análise, julgamento e tomada de decisão.
- Iniciativa e Proatividade.
- Capacidade analítica e competências para gestão de diferentes tarefas e informações em simultâneo.
- Gestão eficaz de prioridades e capacidade de análise crítica e atenção ao detalhe.
- Forte sentido de responsabilidade, organização e autonomia
- Boas competências de comunicação, impacto e influência..

LOCAL TRABALHO:
Península de Setúbal.

Os/as candidatos/as interessados/as devem enviar a sua candidatura acompanhada por *Curriculum Vitae* até 10 dias após a publicação do presente anúncio para o endereço eletrónico: **geral.simarsul@adp.pt** com referência "**Técnicos de Superior PCG - SIMARSUL".(M/F)**".



A SIMARSUL – Saneamento da Península de Setúbal, S.A., pretende recrutar

TÉCNICOS/AS SUPERIOR DE RECURSOS HUMANOS / RESPONSÁVEL

Desenvolver atividades especializadas no âmbito da gestão de recursos humanos, em alinhamento com as orientações corporativas e da empresa, bem como as necessidades dos clientes internos, nomeadamente implementando ações relativas à organização e dimensionamento de equipas, à formação e qualificação e à motivação dos/as trabalhadores/as, bem como a gestão dos meios e locais de trabalho, emitindo pareceres e elaborando relatórios técnicos, de acordo com as normas, legislação e obrigações aplicáveis, com vista a potenciar a eficiência organizacional, o desempenho e satisfação do capital humano.

PRINCIPAIS TAREFAS:

- Assegurar e desenvolver atividades no âmbito da gestão da informação, nomeadamente monitorização das atividades e indicadores inerentes à gestão de recursos humanos, assegurando o reporte dos mesmos e a produção de relatórios, apoiando deste modo os processos de auditoria.
- Desenvolvimento e atualização do sistema documental e de gestão de processos, garantindo a uniformidade de procedimentos, atualização das plataformas utilizadas no desenvolvimento de atividades de recursos humanos.
- Assegurar e desenvolver atividades afetas ao planeamento, recrutamento, seleção e acolhimento.
- Operacionalização dos processos de recrutamento, seleção, admissão e acolhimento de trabalhadores/as, estagiários/as, nestes últimos casos, incluindo a respetiva gestão contratual.
- Assegurar e desenvolver atividades afetas à avaliação de desempenho, desenvolvimento e carreira, nomeadamente dinamização do processo anual de avaliação de desempenho dos/as trabalhadores/as, garantindo o seu registo e atualização das ações realizadas.
- Elaboração, implementação e monitorização dos planos de desenvolvimento pessoal dos/as trabalhadores/as e do plano de formação, assegurando o desenvolvimento de competências identificadas como necessárias; elaboração de planos de carreiras.
- Assegurar e desenvolver atividades afetas ao clima, cultura e comunicação interna, nomeadamente execução de planos de motivação e retenção; monitorização do clima organizacional e índices de satisfação dos/as trabalhadores/as, realizando o tratamento e divulgação dos resultados obtidos e assegurando a implementação de ações de promoção do bem-estar; alinhamento estratégico na comunicação interna e implementação de ações de comunicação interna e relacionamento que promovam o envolvimento e desenvolvimento dos/as trabalhadores/as.
- Assegurar e desenvolver atividades afetas ao processamento salarial, nomeadamente gestão de horários, férias, de cartões de refeição e procedimentos administrativos inerentes ao registo dos dados para o processamento salarial; realização de atividades inerentes ao processamento e pós-processamento salarial.
- Assegurar e desenvolver atividades afetas à higiene e segurança no trabalho, nomeadamente gestão dos processos e contratos de prestação de serviços relativos à medicina do trabalho.
- Assegurar a gestão dos processos e contratos dos seguros de vida, saúde e acidentes de trabalho, assegurando a articulação necessária e participação de acidentes de trabalho com a corretora de seguros e demais entidades envolvidas.
- Assegurar a execução e contribuir para os procedimentos e atividades associadas aos Sistemas de Gestão implementados na empresa, identificando e propondo sugestões de melhoria contínua, garantindo a otimização dos processos de trabalho e cumprindo com as normas e legislação em vigor.
- Desenvolver atividades afetas à gestão global, nomeadamente apoio à elaboração do orçamento da área, executando a sua gestão administrativa, de compras e aprovisionamentos, garantindo a circulação e tratamento documental anexando todas as informações, documentos, despachos e autorizações necessárias à boa compreensão dos assuntos.

PERFIL PRETENDIDO:

- Licenciatura em Gestão de Recursos Humanos, Psicologia ou Sociologia (preferência por licenciatura pré-Bolonha ou mestrado integrado pós-Bolonha).
- Experiência de, pelo menos, 5 anos em funções enquadradas e de gestão de equipas.
- Capacidade de liderança.
- Boa capacidade de relacionamento interpessoal e de trabalho em equipa.
- Capacidade de comunicação, planeamento e organização.
- Domínio do Microsoft Office, SAP HCM e SAP Success Factors (preferencial).
- Forte capacidade de análise de dados e orientação para resultados.
- Dinamismo, iniciativa e proatividade.
- Análise, julgamento e tomada de decisão.
- Gestão eficaz de prioridades, alocação de recursos e capacidade de análise crítica.
- Carta de condução de veículos ligeiros.

LOCAL TRABALHO:
Península de Setúbal.

Os/as candidatos/as interessados/as devem enviar a sua candidatura acompanhada por *Curriculum Vitae* até 10 dias após a publicação do presente anúncio para o endereço eletrónico: **geral.simarsul@adp.pt** com referência "**Técnicos de Superior RH / Responsável". SIMARSUL".(M/F)**".

emprego



UNIVERSIDADE DE LISBOA
INSTITUTO SUPERIOR DE AGRONOMIA

Edital n.º 1394/2024, publicado em *Diário da República*, 2.ª Série, n.º 180, de 17 de setembro.

Concurso documental internacional para recrutamento de um Investigador Auxiliar, na área científica de Ciências do Ambiente e da Terra. O presente concurso é aberto para a contratação, através de contrato de trabalho em funções públicas, por tempo indeterminado, para a ocupação de um posto de trabalho na carreira de Investigação Científica, categoria de Investigador Auxiliar. O edital e restantes documentos contendo todas as informações relativas a este concurso encontram-se disponíveis no *site* institucional do Instituto Superior de Agronomia da Universidade de Lisboa, na área afeta aos Concursos de Investigadores ou no seguinte *link*: **https://www.isa.ulisboa.pt/daf/nrh/concursos/investigadores/investigador-auxiliar-0.**

Receção de candidaturas até 29 de outubro de 2024.



UNIVERSIDADE DE LISBOA
INSTITUTO SUPERIOR DE AGRONOMIA

Edital n.º 1393/2024, publicado em *Diário da República*, 2.ª Série, n.º 180, de 17 de setembro.

Concurso documental internacional para recrutamento de um Investigador Auxiliar, na área científica de Engenharia do Ambiente. O presente concurso é aberto para a contratação, através de contrato de trabalho em funções públicas, por tempo indeterminado, para a ocupação de um posto de trabalho na carreira de Investigação Científica, categoria de Investigador Auxiliar. O edital e restantes documentos contendo todas as informações relativas a este concurso encontram-se disponíveis no *site* institucional do Instituto Superior de Agronomia da Universidade de Lisboa, na área afeta aos Concursos de Investigadores ou no seguinte *link*: **https://www.isa.ulisboa.pt/daf/nrh/concursos/investigadores/investigador-auxiliar**.

Receção de candidaturas até 29 de outubro de 2024.

PUBLICIDADE

Israel reforça ataques no Líbano, Hezbollah diz ter perdido "um dos seus grandes líderes"

GUERRA A ONU está preocupada com a "escalada intensificada" do conflito e apelou à "contenção" de todos os lados. Primeiro-ministro libanês fala em "massacres horríveis" e por causa da "agressão israelita" cancelou ida a Nova Iorque.

TEXTO **ANA MEIRELES**

Israel atacou o Sul do Líbano este sábado, aumentando o receio de uma guerra alargada no Médio Oriente e um dia depois de um ataque de Telavive a Beirute que matou pelos menos 37 pessoas, incluindo dois comandantes do Hezbollah. O primeiro-ministro libanês, Najib Mikati, lamentou os "massacres horríveis" e disse que cancelou a sua viagem à Assembleia-Geral das Nações Unidas, em Nova Iorque, "à luz dos desenvolvimentos ligados à agressão israelita". Já a ONU mostrou-se preocupada com a "escalada intensificada" do conflito e apelou à "contenção máxima" de todos os lados.

Aviões israelitas "atingiram milhares" de lançadores de foguetes prontos para disparar do Sul do Líbano, bem como "aproximadamente 180" outros alvos não especificados, segundo um comunicado militar. Já o Hezbollah referiu que atacou pelo menos sete posições militares no Norte de Israel e nos montes Golã anexadas com foguetes. Segundo Telavive, os militantes do grupo libanês dispararam "cerca de 90" foguetes até ao final da tarde de sábado. Ao início da noite de ontem o exército israelita anunciou estar a atingir mais alvos do Hezbollah no Líbano.

Relativamente ao ataque de sexta-feira, num subúrbio a sul de Beirute, uma fonte próxima do Hezbollah indicou ontem que o bombardeamento israelita foi dirigido contra a sua força de elite, a unidade Radwan, que estava em reunião numa área subterrânea. Este ataque matou 16 dos seus membros, entre eles Ibrahim Aqil, o líder da unidade, além de um segundo comandante, Ahmed Mahmud Wahbi, que dirigia as operações militares da Radwan em apoio ao Hamas. Confirmando a morte de Aqil, o Hezbollah saudou-o como "um dos seus grandes líderes". Os Estados Unidos já haviam oferecido uma recompensa de sete milhões de dólares por informações sobre Aqil, chamando-o de "membro principal" de uma organização que reivindicou o atentado à bomba na embaixada norte-americana em Beirute, em 1983, que matou 63 pessoas.



Imagem captada pela AFP após um dos ataques de Israel deste sábado contra o Sul do Líbano.

RABIH DAHER / AFP

Foi o segundo ataque israelita à liderança militar do Hezbollah desde o início da guerra em Gaza. Em julho, um ataque israelita a Beirute havia tirado a vida a Fouad Shukr, um importante chefe de operações. Na terça e quarta-feira, ataques de sabotagem a *pagers* e *walkie-talkies* usados pelo Hezbollah mataram 39 pessoas. O Hezbollah culpou Israel, que não comentou.

O líder do Hezbollah, Hassan Nasrallah, prometeu retaliação por estes atentados, aumentando o receio de uma escalada das ações do grupo. Por outro lado, o Hezbollah também se tem mostrado cauteloso; de recordar que não cumpriu os seus votos de vingança após a morte de Shukr.

O líder do supremo do Irão, país que apoia o Hezbollah, apelou este sábado aos países muçulmanos para cortarem os vínculos económicos e reduzir as relações políticas com Israel. "O primeiro passo na unidade do mundo islâmico contra este grupo criminoso e terrorista [Israel] que ataca a Palestina e que usurpou o território palestiniano é que os países islâmicos cortem completamente as suas relações", afirmou o *ayatollah* Ali Khamenei numa reunião com as autoridades do país, os embaixadores dos países islâmicos e convidados da 38.ª Conferência da Unidade Islâmica em Teerão.

Khamenei, realçando também os ataques israelitas contra o Líbano, pediu ainda aos países muçulmanos que "reduzam os laços políticos e reforcem os ataques mediáticos" contra Telavive, dados os "crimes" em Gaza, na Cisjordânia, na Síria e no Líbano. E aproveitou o aniversário do nascimento do profeta Maomé para apelar à comunidade islâmica para "se unir e usar a sua força interior para destruir" Israel. "Este poder interno pode eliminar e erradicar este tumor cancerígeno maligno do coração da comunidade islâmica e destruir a influência, o domínio e a interferência coercitiva dos Estados Unidos nesta região", enfatizou.

ana.meireles@dn.pt

Pelo menos 21 mortos em Gaza

A Defesa Civil da Faixa de Gaza disse este sábado que um bombardeamento israelita contra uma escola que acolhia desalojados matou pelo menos 21 pessoas num ataque que, segundo o exército, tinha como alvo combatentes do Hamas. As equipas de resgate recuperaram os corpos de "21 pessoas, incluindo 13 crianças e seis mulheres", uma delas grávida, disse o porta-voz da agência, Mahmoud Basal. Telavive referiu que havia tomado "medidas para mitigar o risco de ferir civis", em particular por meio do uso de armas de precisão.


EVARISTO SA / AFP

Em suma, Lula não rompe com Maduro para não deixar gerar um vácuo de poder que seria preenchido pelas grandes potências.

Cálculo, fronteira, comércio, tradição. Porque Lula não rompe com Maduro?

DIPLOMACIA O Brasil quer manter a comunicação com a Venezuela, por mais tóxico que o regime local seja, para manter influência regional e deixar os EUA, a China e a Rússia à margem. "É geopolítica", dizem académicos.

TEXTO **JOÃO ALMEIDA MOREIRA**, SÃO PAULO

Nicolás Maduro autoproclamou-se vencedor das controversas eleições de julho na Venezuela e a justiça local mandou prender o agora exilado candidato da oposição, Edmundo González. Pelo caminho, o presidente venezuelano mandou Lula da Silva tomar chá de camomila e lançou suspeitas sobre as eleições brasileiras de 2022 antes de desafiar, nos últimos dias, a diplomacia do país vizinho. E, no entanto, o presidente do Brasil não rompe com o homólogo da Venezuela. Porquê? Há um longo leque de razões, mas a principal é geopolítica.

Primeiro, as tensões entre os vizinhos. Nas vésperas da eleição, Lula disse estar "preocupado" por Maduro dizer que, em caso de vitória da oposição, haveria "um banho de sangue". Na sequência, o líder venezuelano mandou o homólogo brasileiro tomar "um chá de camomila".

Já após a contestada vitória eleitoral, Lula condicionou o reconhecimento do resultado à apresentação das atas, o que levou Maduro a afirmar que na Venezuela "os votos são auditados 16 vezes, ao contrário das eleições brasileiras de 2022", cujo desfecho foi contestado por Jair Bolsonaro e os seus apoiantes, quando lançaram dúvidas jamais comprovadas.

E nos últimos dias o presidente da Venezuela anunciou a decisão de retirar a autorização para o Brasil tutelar a Embaixada da Argentina, função que a diplomacia brasileira exercia desde que, no início de agosto, Maduro decidiu expulsar as equipas diplomáticas de sete países, incluindo a de Buenos Aires, por causa das acusações de fraude nas eleições. Em paralelo, o pedido da justiça venezuelana para a prisão de Edmundo González Urrutia tornou ainda mais tóxica a imagem internacional do governo de Caracas.

Perante tudo isto, porém, Lula não só não rompe relações como é contrário a um bloqueio contra o país vizinho. "Nós não aceitamos o resultado das eleições, mas não vou romper relações e não quero o bloqueio, porque o bloqueio não prejudica Maduro, mas sim o povo, e eu acho que o povo não deve ser vítima disso." Noutra ocasião, disse que o Brasil "quer estar com todos, quer estar com a Venezuela e quer estar com a Argentina".

> "Se o Brasil cancelasse qualquer canal de comunicação com a Venezuela, que já está isolada na região, os EUA buscariam resolver a questão no âmbito global com China e Rússia, e isso é perigoso até do ponto de vista militar para o Brasil", explica Vinícius Vieira, professor de Relações Internacionais da Fundação Armando Álvares Penteado.

A suposta passividade tem cinco razões secundárias e uma principal. Em primeiro lugar, a necessidade de gerir o diálogo com um país com o qual o Brasil compartilha 2200 quilómetros de fronteira. "Maduro pode empreender uma guerra patriótica contra a Guiana por causa da questão de Essequibo e as tropas venezuelanas teriam de passar pelo Norte do Brasil, região onde as defesas brasileiras são muito fracas, porque, inexplicavelmente, a maior parte das defesas do país estão ao Sul, onde há muito menos ameaças, nomeadamente, do narcotráfico", explica Vinícius Vieira, professor de Relações Internacionais da Fundação Armando Álvares Penteado.

Depois, os interesses comerciais: a importação de energia da Venezuela pelo Brasil é relevante sobretudo para Roraima, Estado brasileiro que depende dela.

Em terceiro lugar, há vastas comunidades brasileiras na Venezuela, e vice-versa. "O Brasil tornou-se nos últimos anos o quarto principal destino dos venezuelanos, há uma grande pressão na fronteira e da própria

opinião pública sobre essa questão", disse à BBC Brasil Carolina Silva Pedroso, professora de Relações Internacionais da Universidade Federal de São Paulo. "A crise dos refugiados é algo muito mais significativo do que a afinidade ideológica", completou a especialista, levando-nos já para o quarto ponto.

"Sim, a aproximação ideológica é um fator que não deve ser negligenciado", concorda Vieira. "Lula seria mais duro com Caracas se alas mais radicais do Partido dos Trabalhadores, muito pautadas pelo anti-imperialismo americano, dessem sinais de inflexão no apoio a Maduro, à Rússia e à China, o que é, aliás, uma vergonha para um partido que liderou a vitória contra um autocrata como Jair Bolsonaro."

Outro fator importante é a prática diplomática conciliatória brasileira. Segundo o académico, "a tradição do Brasil é de mediação e de respeito pelo princípio da não intervenção".

Mas o principal motivo é geopolítico: "Há uma visão na América Latina, que começou na América Central na década de 80 e foi evoluindo desde então, de construir uma cultura de negociação diplomática interna", vinca Vieira. "E o Brasil, desde antes mesmo da redemocratização, quer construir um espaço de autonomia na América do Sul, e isso implica não permitir que potências como os EUA intervenham em assuntos regionais."

"Se o Brasil cancelasse qualquer canal de comunicação com a Venezuela, que já está isolada na região, os EUA buscariam resolver a questão no âmbito global com China e Rússia, e isso é perigoso até do ponto de vista militar para o Brasil", prossegue. "A questão da Venezuela requer, portanto, cuidados, porque pode implicar trazer para o 'quintal' do Brasil um conflito à escala global, sobretudo se Donald Trump vencer as eleições".

"Seria, entretanto, humilhante para o Brasil", acrescenta, "se Putin instalasse aqui bases militares oficiais. Por isso é muito importante para o Planalto manter-se nos BRICS. Nesse fórum, por respeito à diplomacia brasileira, China e Rússia optam por não intervir na região".

Em suma, Lula da Silva não rompe com Maduro para não deixar gerar um vácuo de poder que seria preenchido pelas grandes potências.

Regime venezuelano implode até pontes com governos de esquerda

ISOLAMENTO Sánchez, em Espanha, abriga líder da oposição, o americano Biden diz que a oposição venceu, o chileno Boric não acredita nos resultados. No Brasil já chamam Maduro de "bolsochavista".

O isolamento de Nicolás Maduro mede-se pela diversidade de lideranças que contestam o seu regime e suspeitam do resultado das eleições. Já não é só Javier Milei, o presidente libertário de direita da Argentina, que chama o homólogo venezuelano de "ditador" e "socialista empobrecedor"; alguns dos principais embates de Maduro têm sido com líderes políticos de centro-esquerda, supostamente com mais afinidades ao chamado "chavismo".

Além de Lula da Silva, do Brasil, que não reconhece as eleições de julho até que sejam divulgadas as atas, de Gabriel Boric, do Chile, que considera os resultados eleitorais "difíceis de acreditar", também Pedro Sánchez, o primeiro-ministro de Espanha, país onde Edmundo González Urrutia está refugiado, contribui para o isolamento de Maduro. E os EUA, mesmo sob presidência de um democrata, Joe Biden, atribui o triunfo ao candidato da oposição venezuelana

"Maduro é um autocrata já sem coloração ideológica", resume Vinícius Vieira, professor de Relações Internacionais da Fundação Armando Álvares Penteado. "Ele pertence a uma esquerda nacionalizada, diferente da esquerda internacional, tanto que se aproximou muito dos evangélicos, a lembrar até Jair Bolsonaro no Brasil, já foi mesmo cunhada a expressão 'bolsochavismo' por causa da fórmula de poder que envolve militares e evangélicos, a diferença está, claro, na atitude anti-imperialismo dos EUA que o torna um suposto 'esquerdista'.

Para o jornalista Jânio de Freitas, colunista do *site* Poder360, "esquerda e direita, por vias opostas, veem Maduro e o seu governo como 'de esquerda'. Mas Nicolás Maduro é de direita. O que Maduro fez à candidata em vantagem para a sucessão venezuelana, Maria Corina Machado, foi o que os bolsonaristas fizeram a Lula em 2018. Equivalência até no uso decisivo do aparelho judicial, com um 'impedimento judicial', no Brasil, com o juiz e os procuradores da Lava Jato".

Uma reportagem da AFP no interior da Venezuela ainda antes das eleições destaca a relação de Maduro com os evangélicos – um segmento muito próximo de Bolsonaro, no Brasil. "Voluntariamente entrego minha nação a Cristo", disse em campanha o presidente venezuelano, num "ato cristão de arrependimento".

O líder venezuelano tem alocado recursos à comunidade evangélica, que representa entre 1,2 e 1,5 milhão de eleitores, como o bónus O Bom Pastor, subsídio mensal de 12 dólares para cerca de 20 mil ministros da igreja cristã, e o plano Minha Igreja Bem Equipada, focado em reparações e melhorias nos templos.

"Eu encontrei Deus no meu caminho, eu O vi", afirmou em evento no palácio presidencial. Segundo sondagens, 34% dos votos evangélicos foram para Maduro e apenas 20% para González. **J.A.M.**



Edmundo González exilou-se em Espanha, onde foi recebido por Pedro Sánchez.

FERNANDO CALVO / LA MONCLOA / AFP

Scholz em risco de perder para a AfD

O Partido Social-Democrata (SPD), do chanceler alemão Olaf Scholz, corre o risco de perder o seu "bastião de apoio", a região de Brandeburgo, para a Alternativa para a Alemanha (AfD), de extrema-direita, que lidera as intenções de voto para as eleições marcadas para hoje.

Desde a reunificação da Alemanha, todos os líderes do Parlamento regional de Brandeburgo têm pertencido ao SPD. Atualmente é Dietmar Woidke o ministro-presidente deste Estado federado, lugar que ocupa há 11 anos, apesar de em coligação com os Verdes e a União Democrata-Cristã (CDU). Está a lutar agora pelo quarto mandato daquela que é a quinta maior região da Alemanha, com 2,5 milhões de habitantes.

Mas, apesar de Woidke ter 55% de popularidade, segundo um estudo recente, a última sondagem coloca o seu partido três pontos atrás da AfD (28%), que está confiante no triunfo após a vitória nas regionais da Turíngia e do segundo lugar na Saxónia. A CDU surge em terceiro, com 16%.

Na campanha, Dietmar Woidke optou por sublinhar o crescimento económico da região. Já Christoph Berndt, da AfD, traçou um retrato sombrio de Brandeburgo, prometendo uma "remigração" quando chegar ao poder. Tal como nos outros dois Estados federados do Leste, também aqui acordos com a AfD estão postos de lado pelos restantes partidos. Ou seja, o SPD pode não ganhar em votos, mas deverá conseguir formar governo.

DN/LUSA

Kiev atinge mais dois alvos em solo russo

A Ucrânia anunciou ontem ter atingido com sucesso dois depósitos de armas russos nas regiões de Krasnodar (sul) e Tver (oeste), com Moscovo a referir ter retirado mais de mil pessoas.

O exército ucraniano disse ter atingido um depósito perto da cidade de Tikhoretsk, em Krasnodar, chamando-o de uma das "três maiores bases de armazenamento de munições" de Moscovo, importante para a logística militar russa na invasão da Ucrânia. Kiev adiantou também ter atingido um arsenal na vila de Oktyabrsky, na região de Tver, resultando em "incêndio e detonação".

O governador da região de Krasnodar, Veniamin Kondratyev, anunciou a retirada de 1200 pessoas depois de um ataque de drone ter causado um incêndio, que "se espalhou para objetos explosivos" perto de Tikhoretsk.

Vídeos nas redes sociais mostraram uma enorme explosão no escuro, inicialmente parecida com fogo de artifício, antes de explodir ruidosamente, com relatos *online* de que um depósito de munições foi atingido.

As autoridades de Tver também anunciaram um ataque noturno de drones perto da cidade de Toropets, que fica na parte oeste da região. O governador regional, Igor Rudenya, declarou que não houve retirada de pessoas na cidade, mas anunciou o encerramento temporário da autoestrada federal M-9, prometendo a sua reabertura em breve. O ataque também causou algumas perturbações na circulação ferroviária. **A.M.**



Análise
Germano Almeida

A Ucrânia quer ditar a sua paz

A visita de Zelensky aos Estados Unidos na próxima quinta-feira será um momento crucial para percebermos que caminho pretende verdadeiramente o presidente da Ucrânia para obter uma paz justa.

Além de ser recebido na Casa Branca por Joe Biden e Kamala Harris, Zelensky fará também questão de se encontrar com Donald Trump. O objetivo é claro: obter dos EUA o respaldo político, diplomático, económico e militar suficiente para avançar com o tal "plano de vitória" que o presidente ucraniano diz já ter preparado na totalidade.

A Ucrânia sabe que corre contra o relógio

O risco político das próximas semanas, meses e anos próximos é tremendo: se Trump ganhar em novembro, o apoio norte-americano até pode continuar – mas vai certamente diminuir (e pode implicar uma nova Administração americana a atirar a Ucrânia para uma "paz miserável" em tudo idêntica à que Putin deseja; na Alemanha, o avanço da extrema-direita (e também da nova extrema-esquerda) e a queda política dos partidos que sustentam Scholz está a levar a uma perigosa retração na disponibilidade de Berlim prosseguir com o volume de apoio a Kiev por muito mais tempo – sobretudo quando 28 de setembro de 2025, data das legislativas do próximo ano, estiver mais próximo do calendário; e depois, claro, há a França e um momento político interno assustador.

Zelensky fará tudo para obter de Washington apoio reforçado para chegar até ao fim do ano em condições de promover uma nova Cimeira da Paz, de modo a pôr em prática os termos do seu "Plano de Vitória" ainda antes da tomada de posse da futura Administração norte-americana.

Como será esse "plano de vitória"?

Aguardamos pelos detalhes, mas tudo indica que terá de incluir quatro pontos.

O primeiro passa por afastar qualquer cenário de cedência territorial. O segundo será o de obter a garantia dos EUA e dos restantes aliados em como autorizam maior flexibilidade estratégica para a Ucrânia poder utilizar armas de longo alcance cedidas pelo Ocidente em solo russo (com a credibilidade das recentes ações em Toropets, região russa de Tver, com forte capacidade de atingir arsenal russo). Um terceiro, implica incluir um calendário para a entrada na UE e na NATO, como forma de consolidar o caminho de uma Ucrânia livre, soberana e íntegra do ponto de vista territorial. E o quarto, mais vago, mas especialmente relevante para uma solução a longo prazo, passa por estabelecer um quadro de garantias para uma futura relação com a Rússia, integrado numa nova arquitetura de segurança.

Se os primeiros três pontos estão totalmente dentro do que tem sido o dia a dia da notável resistência ucraniana a uma invasão criminosa, ilegal e não provocada que se prolonga há quase mil dias, por parte do maior país do mundo e de um dos maiores exércitos mundiais (lutar por toda a Ucrânia, e não só uma parte; alargar a território russo a resistência ao invasor, para que este seja obrigado a escolhas difíceis e perca capacidade de manter a agressão em solo ucraniano; caminhar para a adesão a instituições que se enquadrem nos valores de uma Ucrânia livre do urso russo), já o quarto ponto obriga a uma conceção estratégica mais ambiciosa e moldável a um conjunto de variáveis políticas que estamos longe de controlar.

Zelensky é assertivo: "Está tudo resolvido. O mais importante agora é a determinação de implementar. Não pode haver qualquer alternativa à paz, qualquer congelamento da guerra ou quaisquer outras manipulações que simplesmente movam a agressão russa para outro estágio. Precisamos de uma segurança fiável e duradoura para a Ucrânia e, portanto, para toda a Europa."

Von der Leyen em Kiev para reforçar compromisso da UE

Em fase inicial do seu segundo mandato à frente da Comissão Europeia, Von der Leyen fez da sua visita a Kiev, na passada sexta-feira (a oitava desde 24 de fevereiro de 2022), a prova máxima de que terá, nos próximos anos, a defesa da Ucrânia como elemento crucial para a sua visão de Europa que pretende deixar como legado.

Na capital ucraniana, Ursula propôs que a União Europeia avance com 35 mil milhões de euros no empréstimo de 45 mil milhões de euros do G7 à Ucrânia. "Temos de fazer a Rússia pagar pela destruição. Trata-se de um enorme passo em frente e estamos a assentar isto nos lucros com os bens russos congelados para melhorar a estabilidade macrofinanceira da Ucrânia e proporcionar um espaço orçamental mais significativo, dando a máxima flexibilidade para satisfazer as vossas necessidades e libertando recursos."

Um dos focos do atual momento da ajuda europeia à Ucrânia é a questão energética: "A estação do aquecimento começa dentro de duas semanas e os ataques implacáveis da Rússia às infraestruturas energéticas civis da Ucrânia têm como objetivo infligir o máximo de danos, pelo que ajudaremos a Ucrânia nos seus corajosos esforços para ultrapassar esta situação. Apresentarei o plano de preparação para o inverno da Comissão para a Ucrânia, com um apoio suplementar no valor de cerca de 160 milhões de euros que ajudará a cobrir mais de 25% das necessidades de eletricidade do país."

Fazer mais para ajudar mais a Ucrânia

Em entrevista ao DN da passada segunda-feira, 16 de setembro, Sten Rynning, professor de Relações Internacionais no Departamento de Ciência Política da Universidade do Sul da Dinamarca, é claro na conclusão: "A NATO poderia e deveria fazer mais para ajudar a Ucrânia."

O autor do livro *NATO: Da Guerra Fria à Ucrânia, Uma História da Aliança mais Poderosa do Mundo* (Edições 70) foi mais longe: "Putin não previu nem a resiliência da Ucrânia nem a extensão da oposição ocidental à guerra. E certamente não previu a ampliação nórdica da NATO. Mas Putin está a adaptar-se, colocando toda a economia da Rússia em pé de guerra e apostando que será capaz de desgastar a Ucrânia e cansar a Aliança ocidental."

Na reta final do seu longo consulado, Jens Stoltenberg, o secretário-geral da NATO, concorda com este diagnóstico. E lança, em jeito de aviso, o apelo aos 32 Estados da Aliança Atlântica: "Hoje, o presidente Putin acredita que pode atingir os seus objetivos no campo de batalha. E acredita que pode esperar por nós. É por isso que ele continua a travar a sua guerra brutal. Não acredito que possamos mudar a opinião de Putin. Mas acredito que podemos mudar o seu cálculo. Ao dar mais armas à Ucrânia, podemos fazer com que Putin perceba que não pode obter o que quer pela força, tornando tudo tão dispendioso, que ele terá de aceitar que a Ucrânia tem o direito democrático de existir como nação democrática soberana."

A pouco mais de uma semana de ceder a cadeira ao ex-primeiro-ministro neerlandês, Mark Rutte, Stoltenberg não tem dúvidas em sentenciar: "A Ucrânia está mais próxima da NATO do que nunca. Desde que assumi o cargo de secretário-geral em 2014, o mundo à nossa volta mudou profundamente", lembrou Stoltenberg, que viveu por dentro a década que reativou a relevância da NATO, primeiro com a anexação russa da Crimeia, mas sobretudo com a invasão em larga escala de Putin à Ucrânia, em fevereiro de 2022.

Para Stoltenberg, o caminho tem mesmo de ser o de manter a porta da Aliança aberta à entrada da Ucrânia. O antigo primeiro-ministro da Noruega aponta o reforço dos investimentos realizados pela Aliança durante o seu mandato – a NATO passou de zero a dezenas de milhares de soldados prontos para o combate no seu flanco oriental, as tropas em alta prontidão também foram reforçadas para meio milhão.

Especialista em política internacional.



Reunião magna levou quase 1650 sócios ao Pavilhão da Luz para discutir os estatutos do clube.

BENFICA

Crise no Benfica. Insultos, confusão na AG e demissão de Fernando Seara

ASSEMBLEIA GERAL Rui Costa pediu desculpa aos sócios pelos acontecimentos na reunião magna que levaram à saída do presidente da Mesa. Estatutos aprovados na generalidade antes da suspensão e adiamento final terão de ser votados na especialidade em 30 dias.

TEXTO **ISAURA ALMEIDA**

O ambiente no Benfica continua a ferro e fogo e provocou ontem a demissão do presidente da Mesa da Assembleia Geral. Fernando Seara saiu em plena reunião magna de revisão dos estatutos do clube, em desagrado com os pedidos de suspensão da Assembleia Geral Extraordinária, por imprecisões na votação dos artigos. A reunião magna foi primeiro suspensa e depois adiada para data a anunciar (tem de acontecer no prazo de 30 dias).

Rui Costa fechou os trabalhos com pedidos de desculpa aos benfiquistas pelo sucedido durante a tarde, mas o clima continua tenso e prevêem-se dias muito complicados para o presidente do Benfica, que já na próxima semana (dia 27) volta a enfrentar os associados em nova AG, desta vez para votar e aprovar as contas do exercício da época 2023-24 do Benfica clube (não da SAD) com um resultado líquido negativo recorde de 21,1 milhões de euros, depois de 14 anos consecutivos positivos.

Ontem, já depois de aprovados "na generalidade" alguns pontos da proposta global de revisão de estatutos apresentada pela direção do Benfica, a Assembleia Geral Extraordinária, que contava com 1644 sócios, foi suspensa e o presidente da Mesa, Fernando Seara, apresentou a demissão.

João Diogo Manteigas, que já assumiu a candidatura à presidência do clube, nas eleições de outubro de 2025, detetou um erro nos artigos alvo de votação – as propostas de alterações que foram feitas não correspondiam ao número do artigo em questão – e meteu um requerimento à Mesa da Assembleia Geral, mas o presidente, Fernando Seara, não se mostrou sensível aos argumentos do advogado e quis prosseguir os trabalhos. Uma decisão que gerou uma grande confusão no Pavilhão da Luz onde decorria o evento, ouvindo-se gritos exaltados de revolta e pedidos de demissão.


Fernando Seara
Presidente demissionário da Mesa da Assembleia Geral do Benfica

No meio deste clima de tensão, um outro sócio avançou com um requerimento para a interrupção dos trabalhos, que foi admitido pela Mesa da AG e teve aprovação dos sócios, o que levou à demissão do líder da Mesa. O fim prematuro da reunião magna gerou alguns momentos tensos no interior e exterior do pavilhão, onde João Diogo Manteigas foi alvo de intimidação por parte de alguns adeptos, e obrigou à presença de forças policiais. No interior do pavilhão, Rui Costa apelou à calma e pediu para que os trabalhos prosseguissem sob liderança do vice-presidente, José Pereira da Costa. O que acabou por acontecer.

De forma mais pacífica, os sócios foram votando artigo a artigo pela noite dentro. Mas com o passar das horas, foi-se percebendo que não era possível acabar o processo – foram votados cerca de 20 dos mais de 90 artigos – e a reunião foi adiada.

Iniciado há mais de um ano, o processo de revisão dos estatutos – a última revisão foi feita em 2010 – procede a alterações significativas como a limitação de mandatos do presidente do clube (três) e a criação de uma Comissão de Remunerações (*ver caixa*). Eram necessários três quartos de votos dos sócios presentes, nas votações inicial, global, intermédias na especialidade e final global. A primeira e a segunda votações foram feitas de braço no ar; a última será através de voto físico, em urna.

isaura.almeida@dn.pt

O QUE MUDA

LIMITAÇÃO DE 3 MANDATOS
Segundo a proposta da direção liderada por Rui Costa, passa a haver um limite de três mandatos para os presidentes da Direção, Assembleia Geral e Comissão de Remunerações.

ÓRGÃOS SOCIAIS PAGOS
Os órgãos sociais passam a ser remunerados e será, como tal, criada a Comissão de Remunerações, composta por cinco sócios, com qualificação e experiência para definir quanto vão ganhar os elementos da Direção e restantes órgãos sociais.

CLUBE COM MAIORIA DA SAD
A maioria do clube na SAD vai passar a ser estatutariamente obrigatória, assegurando ainda que terá o controlo da gestão e indicando sempre o presidente do Conselho de Administração e da Comissão Executiva, se ela existir.

CONTAS CONSOLIDADAS
Os sócios vão votar em AG as contas consolidadas do grupo Benfica e não apenas as do clube.

TRANSIÇÃO DE SÓCIOS
Entre as mudanças aprovadas na generalidade está a possibilidade de haver transição dos sócios correspondentes para efetivos com metade da antiguidade e o aumento dos votos para os sócios jovens, de um para três até aos cinco anos e de cinco para 10 para quem é associado há mais de cinco anos.

Dragão conquista castelo com Samu outra vez herói

LIGA O ponta de lança espanhol marcou dois golos na vitória do FC Porto em Guimarães e já é a "coqueluche" dos adeptos. Azuis e brancos pressionam Sporting, que hoje defronta o AVS.

TEXTO **ANDRÉ CRUZ MARTINS**

ESTÁDIO D. AFONSO HENRIQUES (GUIMARÃES)
ÁRBITRO FÁBIO VERÍSSIMO (LEIRIA)

V. GUIMARÃES	FC PORTO
0	3
BRUNO VARELA	DIOGO COSTA
BRUNO GASPAR	JOÃO MÁRIO
RIBEIRO	NEHUÉN PÉREZ
BOREVKOVIC	ZÉ PEDRO
JOÃO MENDES	FRANCISCO MOURA
HÄNDEL	ALAN VARELA (89')
JOÃO MENDES (68')	STEPHEN EUSTÁQUIO (71')
TIAGO SILVA (77')	PEPÊ (90')
KAIO CÉSAR (77')	NICO GONZÁLEZ (90')
NUNO SANTOS (69')	GALENO
NELSON OLIVEIRA (68')	SAMU OMORODION (75')
TREINADOR	**TREINADOR**
RUI BORGES	VÍTOR BRUNO
SUBSTITUIÇÕES	**SUBSTITUIÇÕES**
SAMU (68')	GRUJIC (71')
JESUS RAMÍREZ (68')	NAMASO (75')
GUSTAVO SILVA (69')	ANDRÉ FRANCO (89')
MANU (77')	VASCO SOUSA (90')
ARCANJO (77')	GONÇALO BORGES (90')

GOLOS: SAMU OMORODION (47' E 59'), PEPÊ (88')
CARTÕES AMARELOS: JOÃO MENDES (27'), TIAGO SILVA (37'), BRUNO VARELA (37'), BRUNO GASPAR (46'); SAMU OMORODION (25'), PEPÊ (44'), EUSTÁQUIO (64'), NEHUÉN PÉREZ (90')



Potência de Samu em Guimarães. Avançado já está a conquistar adeptos portistas.

MIGUEL PEREIRA

O FC Porto manteve a tradição e saiu do D. Afonso Henriques com os três pontos, estádio onde só foi derrotado duas vezes no século XXI para o campeonato e onde conseguiu a vitória nas últimas seis partidas. Tal como na semana passada, o herói portista voltou a ser Samu Omorodion, autor de dois golos, começando a ficar claro que os dragões acertaram na aquisição do ponta de lança espanhol. Depois deste triunfo por 3-0, os azuis e brancos deixaram de ter a companhia do V. Guimarães no segundo lugar da Liga e, para já, igualam o líder Sporting, ficando à espera do que este fará na receção de AVS (hoje, às 20h30).

Como se previa, Otávio saiu do onze portista, depois das últimas duas terríveis exibições que protagonizou, diante de Sporting e Farense, com Zé Pedro a surgir no seu lugar. O brasileiro nem no banco dos suplentes esteve. Na frente de ataque, Samu foi a novidade, em vez de Namaso, e o meio-campo surgiu mais cauteloso do que o habitual, com Eustáquio (100.º jogo pelos azuis e brancos) em vez de Iván Jaime.

O FC Porto começou pressionante, mas sem conseguir ser incisivo no ataque, diante de um V. Guimarães muito expectante. Sucediam-se os maus passes, decisões precipitadas e futebol lento e desgarrado, de parte a parte, num cenário pouco consentâneo com o que deveria ser proporcionado pelo segundo e terceiros classificado da I Liga. Nos primeiros 44 minutos só houve dois remates, ambos do FC Porto e com perigo para a baliza de Bruno Varela – primeiro, por Zé Pedro (bola cortada de forma preciosa por Tomás Ribeiro) e, depois, através de um cabeceamento de Nico González, a desviar bom cruzamento de João Mário.

Jogava-se pouco no relvado de Guimarães, não só no sentido figurado, mas também literalmente: depois de uma "conversa" de quase 1 minuto (!) entre Bruno Varela e o árbitro, com o guarda-redes a ver o cartão amarelo, o jogo esteve interrompido mais 2 minutos, por decisão de Fábio Veríssimo, após o arremesso de duas cadeiras para o relvado.

No segundo tempo o FC Porto foi arrasador e logo aos 47' Samu fez o 0-1, num cabeceamento a desviar excelente cruzamento de João Mário. O golo sofrido levou o V. Guimarães a deixar as 'super' cautelas defensivas, com a equipa a mostrar que sabe jogar bom futebol. E quando os minhotos até estavam por cima, foram os visitantes a aumentarem para 0-2, aos 58', com Samu, lançado por Francisco Moura (bela exibição), a atacar a profundidade e a não perdoar, diante de Bruno Varela, num belo golo do possante atacante espanhol, que soma 3 golos em 117 minutos ao serviço dos dragões, contra… 1 golo em 507 minutos de Danny Namaso.

À entrada para os últimos 15', Vítor Bruno refrescou a equipa, com Grujic a render Eustáquio e Namaso no lugar do desgastado Samu, que ouviu cântico personalizado dos adeptos. Até ao final, os azuis e brancos controlaram os acontecimentos e ainda aumentaram para 3-0, por Pepê, após nova assistência de Francisco Moura. O defesa esquerdo também é reforço de peso.

BREVES

Sporting joga com AVS sem Edwards e Pote

O campeão Sporting procura hoje (20.30, Sport TV) a sexta vitória consecutiva noutros tantos encontros no campeonato, diante do AVS, mas terá de o fazer sem os lesionados Pedro Gonçalves e Marcus Edwards. Sem querer apontar datas para o regresso dos defesas centrais St. Juste, Eduardo Quaresma e Gonçalo Inácio, Rúben Amorim acrescentou os nomes dos avançados ao boletim clínico e também sem adiantar detalhes sobre os tempos de paragem previstos para Pote e Edwards. Sobre o adversário, o treinador leonino disse ter "algumas dúvidas sobre como se vão apresentar defensivamente" e desvalorizou a presença do internacional mexicano Ochoa na baliza do AVS.

Duas medalhas nos mundiais de canoagem

O canoísta José Ramalho conquistou a medalha de prata na prova de K1 dos mundiais de maratonas da Croácia. O vilacondense, de 42 anos volta a competir hoje, em K2, juntamente com o olímpico Fernando Pimenta – dupla procura o terceiro ouro mundial consecutivo. Já Rui Lacerda conquistou a medalha de bronze na prova de C1 e dedicou o pódio aos colegas bombeiros. O vice-campeão da Europa em C1 e em C2 volta a estar na luta pelas medalhas hoje em C2, com Ricardo Coelho. Ainda ontem Maria Rei terminou em quinto lugar na prova de K1 maratonas. A seleção de Portugal abriu os mundiais com o ouro da júnior Maria Luísa Gomes, em K1.

The Penguin: universo Batman em modo *gangster*

STREAMING Colin Farrell volta a vestir a personagem que interpretou no último filme *Batman* e o resultado é espantoso. Sobre esta muito aguardada série, *The Penguin*, já disponível na Max, o DN fez perguntas à coprotagonista, Cristin Milioti, e aos produtores executivos Matt Reeves e Dylan Clark.

TEXTO **INÊS N. LOURENÇO**


Cristin Milioti e o irreconhecível Colin Farrell.

Quando o vimos pela primeira vez, na confusão e barulho das luzes de um clube noturno, a travar o avanço agressivo do morcego de Robert Pattinson e a perguntar-lhe "estás à minha procura?", não imaginávamos que esta personagem de mau aspeto, que exibe um par de dentes de ouro quando sorri, pudesse ser objeto de uma série. Mais: quando ele se apresenta ao mascarado, nessa cena de *The Batman* (2022), com um "tu és tudo o que dizem, não és? Acho que somos os dois", é possível que já estivesse a piscar o olho à curiosidade do espectador: o que é que se diz sobre Oz, esse homem que caminha como uma ave palmípede? A série *The Penguin* (em estreia na Max) vai direto ao assunto, à figura, ao seu *modus operandi* e forma de estar, só aqui e acolá apanhando as impressões dos outros.

Acima de tudo está aquela silhueta perturbadora, qual metamorfose assombrosa de Colin Farrell, simplesmente irreconhecível debaixo de uma obra de arte de maquilhagem (créditos para Michael Marino), que terá tornado mais desafiante o trabalho dos outros atores da série. Caso de Cristin Milioti, não menos assombrosa no papel de Sofia Falcone, que divide com ele o protagonismo dos oito episódios enquanto vilã que procura controlar o mundo do crime em Gotham, após os eventos do filme de Matt Reeves.

Ao falar dessa experiência numa entrevista coletiva onde o DN participou, Milioti não escondeu a admiração pelo colega e por todo o seu projeto físico: "O Colin é um ator e ser humano extraordinário, foi um prazer enorme trabalhar com ele e ter testemunhado a sua transformação... Estamos a falar de qualquer coisa incrível. A maquilhagem é tão real! Antes das filmagens eu só o tinha encontrado um par de vezes, no seu 'corpo real', e a sensação foi a de ter conhecido outra pessoa – aquela com quem estive a trabalhar todos os dias durante oito ou nove meses. Portanto, para mim ainda é muito estranho vê-lo agora fora da personagem, de tal maneira me familiarizei com aqueles olhos e aquela voz. Surreal!"

Sim, os olhos e a voz... e tudo o resto, numa série em que não há personagens com superpoderes, mas onde se sente a realidade numa versão aumentada, com gente pronta a usar dos mais bárbaros atos de vilania para alcançar objetivos ou, numa camada mais profunda, dar azo a vinganças motivadas por traumas passados.

Sofia Falcone é particularmente rica em mazelas familiares, e o DN quis saber como foi abraçar a fúria feminista da personagem, contextualizada pela mágoa. "Embora as suas ações não se possam justificar, pode-se contar com um nível de compreensão pelo facto de o espectador conhecer a história dela", começa por sublinhar Milioti. Nunca esquecendo a parte divertida: "Foi muito empolgante interpretar alguém que simplesmente deixou de se preocupar com o que os outros pensam e começou a fazer exatamente o que quer... apesar de ser vilanesco e hiperviolento! Mas a questão é a liberdade a que ela se entrega."

Psicologia e cinefilia

A verdade é que não há aqui quem tenha um arco de evolução tão grande. O próprio Oz, eterno candidato ao topo da hierarquia do crime, equivale a uma viagem menos espalhafatosa. Como diz Matt Reeves, um dos produtores executivos da série, noutra mesa-redonda: "Mais do que o percurso que levou Penguin a tornar-se Penguin, a história que apresentamos tem que ver com as peças internas da personagem: quem é ele? Que tipo de ódio, que tipo de feridas... que tipo de vazio precisa de preencher? Esta história é sobre a origem e a tragédia das suas fraquezas."

Algo indissociável do Sonho Americano e de uma exploração psicológica que não poderia ser tratada apenas num filme. "O potencial da escuridão de Oz está em todos nós", refere também Reeves. E para se chegar a essa conclusão é preciso estar com o monstro de Farrell – "ele consegue criar realmente uma outra presença", reconhece o produtor.

Na tradição dos filmes de *gangsters*, *The Penguin* tenta a sua nota de originalidade pelo tal retrato que vem de dentro e explode quando menos se espera. Vem à conversa *Scarface* (1983) e *Chinatown* (1974), mas há outra dimensão de cinema bem presente na série: de Rita Hayworth em *Gilda* (1946) a Gena Rowlands em *Gloria* (1980), passando por Fred Astaire em *Chapéu Alto* (1935), as citações são um mimo irresistível, que não deixámos de perguntar de onde veio.

"Isso veio da Lauren LeFranc [*showrunner*]. Diria que somos todos cinéfilos, mas ela foi mais longe. Viu aí algo encantador... Tipo, Oz a ter *Gilda* e o tema *Put the Blame on Mame* como inspiração? É um ponto de vista adorável. Portanto, todas essas citações vêm da sua imaginação e das ligações que fez", revela-nos Reeves. Com uma pequena ajuda de outro produtor executivo, Dylan Clark, que chama a atenção para o facto de Penguin ser filhinho da mamã: "Lauren escreveu essas referências ou pontos de contacto no sentido de enriquecer a relação de Oz com a mãe. Há aqui um valor emocional que, de resto, me parece muito bonito e poético." Quem diria.

San Sebastián. Um festival sob o feitiço da nova Emmanuelle

CINEMA O DN está na 72.ª edição do Festival de San Sebastián. O certame arrancou esta sexta-feira com *Emmanuelle*, de Audrey Diwan, a versão com ponto de vista feminino do clássico *soft-porn* dos anos 70. Segue-se *On Falling*, de Laura Carreira, boa primeira obra de um novíssimo cinema português...

TEXTO **RUI PEDRO TENDINHA**, EM SAN SEBASTIÁN



Arrancou esta sexta-feria mais uma edição do Festival de San Sebastián, o maior da Península Ibérica. E arrancou com um filme para polarizar, o novo de Audrey Diwan, a cineasta de *O Acontecimento*, Leão de Ouro de Veneza 2021, *Emmannuelle*, nova leitura sobre o clássico de 1970, mas agora com a perspetiva feminina (a realizadora dirá feminista).

Um conto erótico passado nos nossos dias que acaba inteligentemente por dar a volta ao que se espera de cenas "quentes". Uma epopeia sobre o prazer feminino centrado numa viagem de uma francesa ao Oriente. Neste caso, na Hong Kong dos nossos dias e quase tudo no interior de um hotel de cinco estrelas, hotel esse cujos luxos (e as luxúrias) vão ser passados a pente fino por esta nova Emmanuelle, encarregue de encontrar falhas, a bem de uma deliberação do grupo que a contrata. E, nesta vistoria, Emmanuelle será confrontada com os seus fantasmas de solidão e a sua necessidade de se soltar, nem que para isso tenha de entrar num *ménage-a-trois* ou sucumbir ao charme de uma estudante de Literatura (ou será uma *escort girl*?) no SPA...

O desejo feminino filmado por uma mulher

Audrey Diwan, com a ajuda de Rebecca Zlotowski, realizadora que assina também o argumento, está mais interessada em questões de poder. Poder feminino... Ao contrário do filme anterior, preocupa-se mais com a forma do que com a substância. Dir-se-ia que é um filme de esteta, sobretudo na forma como aborda as questões da sensualidade feminina, como se fosse um enorme cardápio sobre essa questão premente da representação da sexualidade em cinema. O que é isso de filmar o desejo? Será que o desejo das personagens deve contaminar a libido de quem o vê? As respostas não são claras, algo que não compromete a visão. Afinal, a aragem de *thriller* proporciona isso mesmo. Aqui, o primordial é a palavra mistério. O desejo como fonte de mistério na história desta mulher que se vê presa nas aspirações de carreira. E aí é mesmo significativo o peso da inquietação dos sentidos: ela excita-se porque pode realmente estar à procura de uma libertação, tão interior como exterior. Esta Emmanuelle está à procura do risco. Ou de sair de uma prisão dourada (o luxo é filmado num ângulo de gaiola dourada e esse fascínio torna-se parte da proposta, mesmo quando em determinadas alturas o hedonismo das imagens possa ferir).

Noémie Merlant não é Sylvia Kristel nem o quer ser, mas é uma Emmauelle mais do que competente num objeto que às vezes cai na ratoeira do politicamente correto destes tempos de cultura *woke*, um pouco como se estivéssemos numa comissão de coordenadores de intimidade (todas as cenas de sexo foram meticulosamente coreografadas por um reputado coordenador).



***Emmanuelle*, o desejo e a tristeza...**


Noémie Merlant, uma nova Emmanuelle para estes dias. O filme chega a Portugal já em outubro.

ANDER GILLENEA / AFP

Emmanuelle é um conto erótico passado nos nossos dias que acaba inteligentemente por dar a volta ao que se espera de cenas "quentes".

Futebol basco ao barulho

No arranque do festival, destaque ainda para *Los Williams*, de Raúl de la Fuente, documental sobre os irmãos do Atlético de Bilbau, os futebolistas Iñaki Williams e Nico Williams, craques de nível global com sangue ganês. Assemelha-se a um vídeo promocional de um canal de equipa de futebol (não é por acaso que nas imagens de arquivo temos o logo do Athetic…), ainda para mais com alguma fórmula de documentário Netflix ou Prime Video. Mas, por outro lado, o realizador sabe juntar bem os dois irmãos e criar um elo humano nesta história de refugiados que triunfam na Europa, sobretudo pela viagem ao Gana onde se conta o relato da epopeia de migração dos pais e a forma como foram aceites no País Basco. Ajuda, evidentemente, gostar de futebol… Eis um filme perto dos nossos tempos: no seu último terço relata a conquista de Nico no último Euro na Alemanha.

Vem aí *On Falling*

Nesta luta pela Concha de Ouro, ao longo da semana há ainda que realçar uma coprodução luso-espanhola, *Tardes de Soledad*, de Albert Serra, com produção de Joaquim Sapinho, *Conclave*, de Edward Berger, com Ralph Fiennes já apontado ao Óscar, e *On Falling* (coluna ao lado), de Laura Carreira, com uma espantosa Joana Santos.

Mário Patrocínio O "padrinho" de Laura Carreira

No começo desta semana Portugal tem *On Falling*, a obra de estreia de Laura Carreira, na competição pela Concha de Ouro. Depois de Marco Martins e *Great Yarmouth – Provisional Figures*, em 2022, voltamos a competir neste prestigiado festival e de novo com o tema da emigração portuguesa na Grã-Bretanha, neste caso na Escócia, com a história de uma mulher portuguesa (Joana Santos) a deixar-se "apagar" num armazém de central de compras. Uma odisseia de dor e abandono face a uma existência solitária e uma escravidão laboral que é um escândalo consentido nesta Europa em nome de um liberalismo económico desumano. Filme de denúncia que, ao contrário de *Listen*, de Ana Rocha, enceta um diálogo feroz com os tempos do cinema de real-socialismo. Uma estreia em cheio de uma cineasta que estudou cinema na Escócia e que nas suas curtas anteriores já prometia coisas bem fortes. Com coprodução britânica, *On Falling*, tem a produção portuguesa dos manos Patrocínio, da Bro Cinema. Mário Patrocínio, o produtor, em breve com projeto de realização com Paulo Branco, falou ao DN sobre esta aposta numa cineasta fora do mapa…


Mário Patrocínio, realizador e produtor, responsável pelo nascimento de uma cineasta, Laura Carreira.

Depois de *Listen* e *Great Yarmouth*, mais uma abordagem ao universo da experiência dos emigrantes portugueses no Reino Unido. Como vê esta insistência no tema?

A Bro Cinema tem desde o início um compromisso factual e estratégico de procurar, desenvolver e promover talento português e as histórias que nos ajudem a "desenhar" o nosso país e a revelar o que de mais especial e singular se faz por aqui. *On Falling* faz isso mesmo, de uma forma prática pela magia da tela e do cinema, lançando uma luz sobre o tema sob uma perspetiva singular.

Como produtor, qual o grande desafio desta obra?

Tudo começou quando nós detetámos o talento da Laura através da sua primeira curta metragem, *Red Hill*. Entrámos em contacto com ela e perguntámos se teria alguma ideia para uma futura longa metragem, e a Laura apresentou a ideia do *On Falling*. O grande desafio enquanto produtor, neste caso, foi acreditar no talento da realizadora, no seu "esboço" e plano inicial, e ajudá-la passo a passo a crescer.

O filme, que estava já previsto ser filmado no Reino Unido, tinha custos muitos diferentes de uma primeira obra em Portugal, e nesse sentido iniciámos contactos com a BBC, e pelo género e universo encontrámos a coprodutora Sixteen Films, do Ken Loach. O grande desafio foi ter feito esta caminhada mantendo sempre o nosso amor pelo cinema, pelo potencial do filme, e tentar sempre unir os que se foram juntando ao projeto e lembrar a todos a verdadeira razão por que fazemos cinema.

Qual a importância efetiva de estar a competir pela Concha de Ouro?

É um privilégio estar ao lado de filmes incríveis e estar rodeado de tanto talento e criatividade num dos grandes momentos do circuito mundial dos festivais de cinema. É um elogio sobretudo à "viagem" da Laura Carreira, ao filme e a todas as equipas que fizeram parte integral deste projeto. Na Bro Cinema estamos todos muito felizes por este reconhecimento, pela caminhada de quase cinco anos e por sabermos que este é mais um passo seguro na direção do que pretendemos construir no futuro.

O Mário Patrocínio realizador já foi prejudicado pelo Mário Patrocínio produtor, sobretudo a nível de tempo?

Boa pergunta… Sem uma resposta muito clara, tive essa discussão dentro de mim durante muitos anos. O realizador foi muito prejudicado durante uns bons anos e ganhou o produtor. Mas, se ganhou o produtor durante um tempo, ganharam também muitos talentos que tiveram a oportunidade de filmar e desenvolver projetos que fizeram a diferença, o que é muito bom e tem de continuar. Mas também ganhou o escritor Mário Patrocínio, que agora se vê com três longas metragens para filmar com o realizador Mário Patrocínio. Em suma, a vida é assim, repleta de desafios, aventuras, desilusões e a aceitação do que não podemos mudar, mas há que manter uma paixão imensa pela vida, pelo que amamos fazer e pelo que nos faz trazer ao de cima a nossa humanidade. Singular, sempre. **RPT**



Entre as imagens
João Lopes

Sexo, carne e espírito

Entre as revelações deste ano no Queer Lisboa, *Hidden Master: the Legacy of George Platt Lynes*, documentário realizado por Sam Shahid, merece especial destaque – está programado na secção Panorama do festival e tem projeção marcada para hoje (Cinema São Jorge, 22h00).

Como diz o título, George Platt Lynes (1907-1955) permaneceu um "mestre escondido", a colocar a par de outros fotógrafos americanos que, no seu tempo, fizeram retratos de gente famosa do mundo das artes, em particular do cinema – penso, por exemplo, no caso de George Hurrell (1904-1992), nome indissociável da noção de *glamour* tal como existiu em Hollywood nas décadas de 30/40.

A ocultação da obra de Lynes é, por isso, ambivalente: por um lado, ele foi um dos mais celebrados fotógrafos de moda dessa mesma época; por outro lado, as suas fotografias de nus masculinos permaneceram durante muito tempo sem divulgação, mesmo depois da sua morte (vítima de cancro no pulmão, contava 48 anos).

Lynes era o primeiro a ter consciência do facto de, perante a legislação da época, essas imagens de nus poderem ser objeto de criminalização e, no plano mediático, das mais diversas formas de difamação. O que não impede que o documentário de Shahid tenha o cuidado de evitar reduzi-lo a uma definição simplista de "militante" homossexual, reconhecendo as formas de "proteção" pessoal que advinham da sua condição de homem branco, rico, estudante da Universidade de Yale, frequentador dos meios artísticos parisienses. Como diz um dos entrevistados, Lynes "nunca saiu do armário porque nunca lá esteve."

No seu vasto e fascinante portefólio encontramos não apenas retratos de figuras emblemáticas das artes – de Tennessee Williams a Katharine Hepburn, passando por Jean Cocteau, Gertrud Stein ou Orson Welles –, mas também um acervo de nus masculinos cujas poses de elaborada sensualidade, trabalhadas através de um invulgar domínio da luz, decorrem de um conceito natural (nada naturalista, entenda-se) de representação das sexualidades humanas.

Importa, por isso, acrescentar que as fotografias de Lynes ajudaram também a definir as matrizes visuais e simbólicas de revistas como a *Vogue* e, sobretudo, a *Harper's Bazaar*, no período a partir de 1936, em que a chefia da redação foi assumida pela lendária Diana Vreeland (várias vezes por ele fotografada). Marcadas pela herança mitológica dos clássicos gregos tanto quanto pelo gosto de experimentação dos surrealistas, são fotografias que transportam e, num certo sentido, depuram sugestões eróticas capazes de desafiar a formatação dos olhares, mesmo (eu diria, sobretudo) quando Lynes está a fotografar corpos completamente vestidos.

O filme permite-nos perceber o lugar central que Lynes ocupa no sistema de influências recebidas por fotógrafos como Robert Mapplethorpe (1946-1989) ou Herb Ritts (1952-2002), sobretudo se soubermos olhá-los sem reduzir a sua sexualidade a uma iconografia determinista ou a um território fechado de expressão. Lembremos as flores de Mapplethorpe e a sua inusitada carnalidade – dir-se-ia que surgem metodicamente erotizadas, superando a sua condição efémera. Lembremos também os vários retratos de Madonna assinados por Ritts, em particular a pose desafiante que serviu de capa ao álbum *True Blue* (1986) – a sugestão sexual apela a qualquer "coisa" de abstrato, já que o corpo se assumiu como o seu próprio teatro.

O retrato do bailarino americano Herbert Bliss, em pose de Narciso, datado de 1952, pode servir de resumo das singularidades do olhar de Lynes. O efeito aquoso do espelho (será mesmo um espelho ou uma superfície metálica?) gera uma imagem que, por assim dizer, se apodera do corpo do protagonista, como se a sua existência dependesse da perversa afirmação do próprio reflexo. À falta de melhor, diremos que a carne se imagina como acontecimento espiritual — em boa verdade, não há nada mais *sexy*.



Herbert Bliss como Narciso (1952).



Durante muito tempo ignorado, o fotógrafo George Platt Lynes é uma das grandes revelações do Queer Lisboa.

Jornalista.

Que bem que sabe a Avenida

LISBOA Há *rooftops*, restaurantes clássicos, cafetarias, um espaço com estrela Michelin e até uma livraria. Há sabores do mar, tradicionais, saudáveis ou com influências de outras paragens. O Roteiro Gastronómico da Avenida regressa à emblemática artéria de Lisboa para uma semana de degustação.



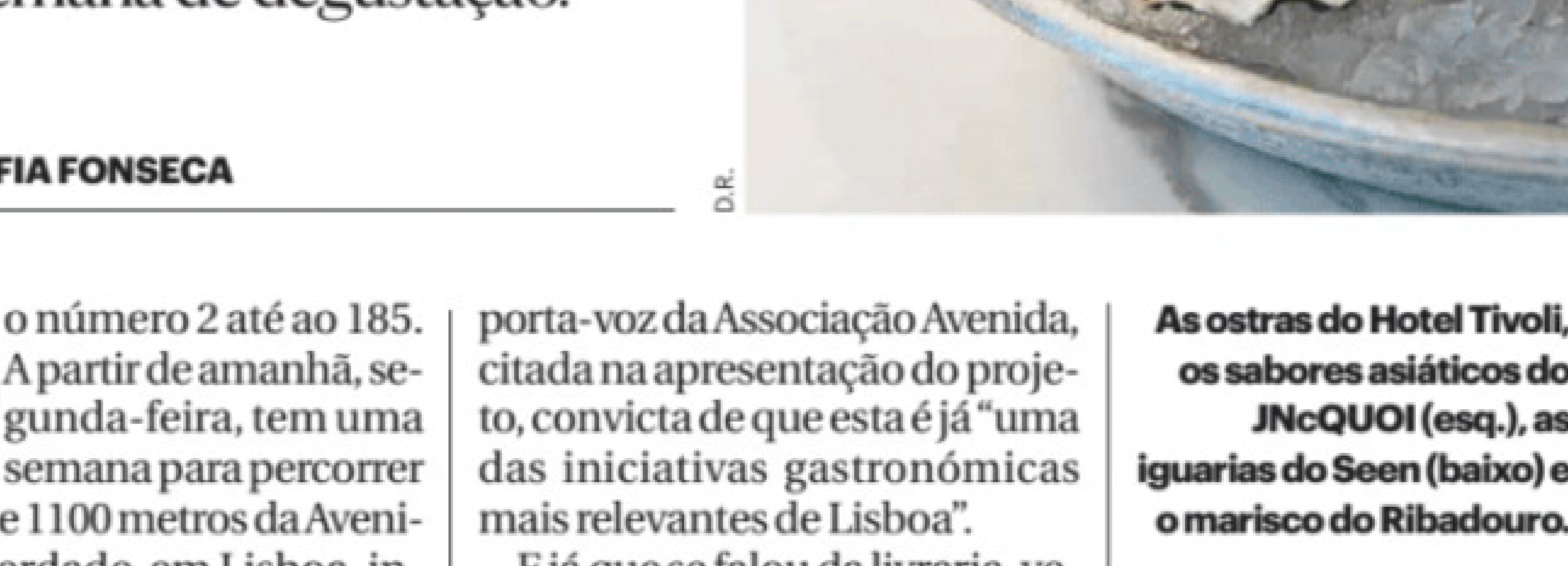
D.R.



HENRIQUE ISIDORO

As ostras do Hotel Tivoli, os sabores asiáticos do JNcQUOI (esq.), as iguarias do Seen (baixo) e o marisco do Ribadouro.

TEXTO **SOFIA FONSECA**



Do número 2 até ao 185. A partir de amanhã, segunda-feira, tem uma semana para percorrer os cerca de 1100 metros da Avenida da Liberdade, em Lisboa, incluindo as imediações, o Parque Mayer e o Parque Eduardo VII, e ir parando para degustar as propostas gastronómicas dos restaurantes aderentes do Tasting Avenida, roteiro gastronómico desta que é uma das mais emblemáticas artérias da capital. Há de tudo um pouco, desde propostas *gourmet*, cozinha de autor, pratos típicos, especialidades do Oriente, *cocktails* e menus temáticos com descontos especiais. São mais de 30 paragens possíveis.

Esta é a terceira edição do tasting Avenida, evento da Associação Avenida que tem por objetivo dar destaque ao melhor que se faz em termos de restauração nesta artéria de Lisboa. Cada espaço aderente preparou algo especial que representa a identidade da sua carta e desta vez até há uma livraria a participar. "O número de restaurantes que tem aderido ao Roteiro Gastronómico da Avenida da Liberdade tem crescido todos os anos, tornando-o cada vez mais rico e variado, juntando propostas com conceitos bem diferentes, alguns dos quais integrados em hotéis de excelência", diz Sandra Campos, porta-voz da Associação Avenida, citada na apresentação do projeto, convicta de que esta é já "uma das iniciativas gastronómicas mais relevantes de Lisboa".

E já que se falou da livraria, vejamos o que a Buchholz programou: uma conversa com Fernão Gonçalves e Diogo Lopes, autores do livro *Bar Aberto – O Mundo dos Cocktails*, acompanhada, precisamente, por algumas bebidas e animação de um DJ. Trata-se de um evento único, marcado para quarta-feira, entre as 18h00 e as 21h00.

De resto, todas as experiências de degustação estão disponíveis durante todo o período do roteiro, ou seja, até dia 30. Há menus com preço fixo, há descontos especiais, há ofertas e até sessões de *live cooking*.

No AKLA, restaurante do Inter-Continental Lisbon, poderá juntar-se à experiência Mesa do Chef e finalizar os seus pratos, havendo duas propostas à escolha, uma de petiscos – que inclui tártaro de atum-patudo dos Açores, crocante de alheira ou pica-pau de camarão de Moçambique e lombo com *pickles*, entre outros (50 euros) – e outra de um menu dos Açores, que fica por 60 euros.

O Eleven, distinguido com estrela Michelin, oferece um *business lunch* por 45 euros. Já o JNcQUOI Ásia convida para uma



D.R.

viagem gastronómica que explora os sabores e tradições que nasceram da união de culturas portuguesa, tailandesa, indiana, chinesa e japonesa. Nas entradas há, por exemplo, *cheung fan* de camarão e salada de pato com rebentos, nos pratos principais há caril *tikka massala*, *pad thai goong* e camarão agridoce, e ainda uma seleção de sobremesas. Fica por 135 euros. No Varanda, do Ritz Four Seasons Hotel, propõe-se um menu exclusivo para o evento, criado pelo *chef* executivo Daniele Bartolo Polito, que inclui, por 85 euros, ravioli de polvo, camarões marinados em lima, alho negro, *coulis* de pimento vermelho e coentros, linguado selado, cogumelos de ostra-rei salteados, *radicchio* de Trevigiano, molho *pil pil* e gel de salsa e arroz-doce de limão e laranja, sorvete de líchia.



JOANA MALAQUIAS

Para uma experiência de degustação de ostras das diferentes regiões do país – Sado e R«ria Formosa –, com harmonização de champanhe Piper-Heidsieck, o melhor é dar um salto ao Oyster & Champagne, do Tivoli Avenida da Liberdade, que tem esta proposta por 40 euros. Já o Seen Sky Bar, do mesmo hotel, tem dois menus disponíveis, ambos por 90 euros, além de um *cocktail* especialmente criado pelo *head bartender* Hugo Feijão para este Roteiro Gastrono mico da Avenida e que é uma mistura criativa com *sake* em *fat wash* de alga, limão e *whisky* japonês. Custa 13 euros.

Um clássico da avenida, a cervejaria Ribadouro não poderia faltar neste roteiro. Tem três menus à escolha, com preços que variam entre os 12 e os 42 euros.

A partir de amanhã tem uma semana para confirmar o bem que sabe a Avenida... da Liberdade.



Diario de Noticias

EXCURSIONISMO EM PORTUGAL

OS AVIADORES NO PORTO

OS HEROICOS TRIPULANTES DO "PATRIA"

continuam a receber as mais entusiasticas aclamações do povo do norte

A VISITA A LEIXÕES FOI UMA SURPREENDENTE APOTEOSE

CARTA DE LONDRES

INSTRUÇÃO

Por esse mundo...

NA HOLANDA

NOS JOGOS OLIMPICOS INTERNACIONAIS

SOCIEDADE DAS NAÇÕES

O DN DE HÁ CEM ANOS

AS NOTÍCIAS DE 22 DE SETEMBRO DE 1924 PARA LER HOJE

ARQUIVO DN **CRISTINA CAVACO**, **LUÍS MATIAS** E **SARA GUERRA**

BOMBEIROS VOLUNTARIOS DE CACILHAS

Perante numeroso publico, esta antiga corporação realizou ontem interessantes manobras de salvação publica



Uma das fases mais emocionantes do simulacro de incendio

Os bombeiros voluntarios de Cacilhas que constituem hoje a mais antiga corporação do concelho de Almada, dispondo dum corpo activo de 25 homens, com 6 vinturas, e dois postos, um, no centro da vila e outro na Piedade, pretendem entrar numa nova fase de progresso adquirindo mais material e abrindo um terceiro posto na Trafaria.

Actualmente estão á sua frente, na parte administrativa, as principais entidades do concelho e, na parte tecnica, os srs. Figueiredo Feio e Carlos Igreja, respectivamente 1.º e 2.º comandantes.

Para ontem, resolveram os dirigentes da Instituição realizar diversos exercicios com material, constando de simulacro de incendio, seguido de diversas manobras da ordenança.

Foram convidados para assistir, todas as entidades oficiais do concelho, juntando-se na rua Candido dos Reis, proximo do predio destinado aos exercicios, grande numero de pessoas, as quais retiraram no final agradavelmente impressionadas, tributando aos valentes rapazes as maiores homenagens.

Pouco depois da 1 hora da tarde, foi dado o alarme de fogo, concentrando-se junto ao predio do sr. Francisco Antonio da Silva, todo o material e pessoal, que, á voz do comandante sr. Feio iniciou o ataque. Os escalamentos dos 3 andares foram feitos com a maxima rapidez e perfeição, tendo sido retiradas do predio sete pessoas que se supunham estar em risco de vida.

Estes salvados foram feitos com o auxilio de manga e escadas italianas seguindo-se o ataque igualmente feito com perfeição, notando-se a maior disciplina entre todos os voluntarios.

Findos os exercicios foi servido um copo de agua, brindando, em nome da Camara, o sr. Mario Marques, presidente da comissão executiva, D. José de Noronha, pela Misericordia, sr. João Luís da Cruz, em nome do delegado do governo e sr. Gonzaga Marques, salientando todos os altos serviços prestados pela corporação, assim como pelo sr. Augusto Salgado, que no final agradeceu, afirmando que iria envidar todos os esforços para dotar os Voluntarios de Cacilhas com melhor material, para o que já tinha sido adquirido um chassis, destinado a um carro de material.

Durante o dia as instalações da prestante corporação foram bastante visitadas, inscrevendo-se como subscritores inumeras pessoas que voluntariamente acorreram a dar os seus nomes.

OS AVIADORES NO PORTO

OS HEROICOS TRIPULANTES DO "PATRIA"

continuam a receber as mais entusiasticas aclamações do povo do norte

A VISITA A LEIXÕES FOI UMA SURPREENDENTE APOTEOSE



Dois aspectos da brilhante recepção aos aviadores, á sua chegada ao Porto

(Do nosso enviado especial)

PORTO, 21. — Hoje, segundo dia das festas em honra dos gloriosos aviadores Brito Pais, Sarmento de Beires e mecanico Manuel Gouveia, o entusiasmo aumentou, tendo acorrido á capital do norte centenas de forasteiros que quiseram vitoriar os três herois. O proprio tempo que, até agora, se mostrara chuvoso e nevoento, parece ter compartilhado de esse entusiasmo, tendo havido hoje um belo sol, suave e luminoso que veio alegrar e dar vida ás festas, ontem bastante prejudicadas pela chuva.

Já hoje apareceram engalanadas as frontarias de mais predios, notando-se uma grande animação pelas ruas.

Com os ilustres aviadores almoçaram hoje, além dos srs. Cifka Duarte e tenente Paixão, os srs. engenheiro Sarmento de Beires, vereadores municipais Costa Reis, Guerra Leal, Antonio José da Fonseca e dr. João Gomes de Oliveira, Joaquim Viseu e Americo Cardoso, respectivamente, presidentes das juntas de freguesia de S. Nicolau e Sé, e os representantes dos cinco jornais desta cidade.

A visita a Leixões

Um dos belos numeros do programa de hoje, foi a visita a Leixões.

Para isso a Junta Autonoma pôs o vapor «Tritão» á disposição da Camara Municipal, fundeando aquele rebocador, vistosamente embandeirado, em frente do cais da Ribeira.

A partida fôra marcada para as duas horas da tarde. Todavia, muito antes já uma grande multidão se comprimia em toda a extensão do cais, vendo-se os predios fronteiros engalanados e com as varandas e janelas apinhadas de gente.

Tambem nos dois taboleiros da ponte D. Luis I havia avultado numero de pessoas, sucedendo outro tanto na margem de Gaia.

No rio singravam muitos barquitos, alguns embandeirados.

Entretanto, iam chegando ao «Tritão» os convidados, entre os quais os srs. governador civil, director da alfandega, representantes de todas as juntas de freguesia, da Associação Comercial, da Junta Autonoma, muitos estudantes, representantes da Imprensa, etc.

A guarda de honra era feita pelos escuteiros e adueiros e pelos internados do Colegio dos Orfãos.

A multidão era contida por extensas alas de policia, sob as ordens do chefe sr. Socorro.

Era empolgante o aspecto do rio aquela hora!

A's 3 horas da tarde chegaram os aviadores acompanhados pelos srs. dr. Sousa Junior, presidente do Senado Municipal; Rodrigo Guimarães, presidente da Comissão Executiva da Camara Municipal e muitos vereadores, major Cifka Duarte, tenente Paixão, Augusto Pina, etc.

A banda do Asilo do Terço, que tambem ia a bordo, executou a «Portuguesa», estralejando no ar girandolas de foguetes. Neste momento a multidão levantou muitos vivas aos gloriosos aviadores, por entre salvas de palmas calorosas. Produzia um efeito soberbo todo aquele conjunto combinado com o acenar dos lenços e a comoção de todos quantos assistiam a uma tal recepção.

As «guigas» e «sapatas» que evolucionaram em roda do «Tritão» pararam e as suas tripulações fizeram a continencia, que foi correspondida pelos aviadores.

O «Tritão» deu o sinal de partida, e, serenamente, a helice começou á bater as aguas, deslizando em direcção a barra no meio das mais vivas aclamações e do silvar das «sirenes» dos vapores fundeados no rio Douro, que assim saudavam os temerarios herois do ar.

A chegada a Leixões

A' entrada da barra os barcos particulares retrocederam e desfilaram em continencia por bombordo do rebocador «Tristão», que chegou a Leixões, ás 4,30 da tarde.

Os cais do porto estavam apinhados de gente. Não se faz uma pequena ideia o que aquilo foi. Todos os barcos das nações estrangeiras que ali se encontravam fundeados salvaram, saudando os heroicos aviadores, que desembarcaram entre os vivas freneticos da multidão. A guarda de honra foi feita pelos bombeiros de Matosinhos e de Leça e pelo pessoal da Cruz Vermelha.

Na sala de passageiros de 1.ª classe, estiveram prestando as boas vindas aos aviadores os srs. José Antonio Afonso Barbosa, presidente do senado municipal de Matosinhos; dr. Sousa Junior, presidente da junta autonoma; Americo Cardoso, em nome das juntas de freguesia do Porto; Amancio Queiroz e Guilherme Feigueiras, que leu uma saudação enviada pelo sr. ministro do Comercio, como deputado pelo circulo.

O dr. Azevedo Maia, abade de Matosinhos, saudou tambem os aviadores, agradecendo, por fim, Brito Pais as boas palavras que a si e aos seus companheiros eram dirigidas.

Em seguida realizou-se a visita ás obras do porto comercial, tendo os aviadores regressado ao ponto de partida ás 6 horas da tarde, sempre no meio das mais calorosas ovações. A bordo do «Tritão» veio apenas o major Brito Pais, tendo seguido em automovel Sarmento de Beires e Gouveia, acompanhados pelo comandante sr. Cifka Duarte.

Visitaram a colonia maritima da «Casa dos Filhos do Soldado de Portugal», sendo oferecidos bolos ás crianças. O comandante Cifka Duarte convidou duas criancinhas a jantarem com eles no Grande Hotel do Porto, indo á noite buscá-las a suas casas.

Esse jantar, a que presidiram as duas crianças, decorreu animadissimo, verificando-se que a alma dos herois se aproxima imenso e assemelha á alma diamantina dos inocentes.

Pouco depois, os aviadores seguiram para o Palacio de Cristal onde se realizava, em sua honra, um importante festival. Terminada esta festa, dirigiram-se á redacção do nosso colega «Primeiro de Janeiro», onde lhes foi oferecida uma ceia intima, tendo sido trocados afectuosos brindes.

As iluminações estiveram surpreendentes, destacando-se a da rua de Santa Catarina, onde foi queimado um vistoso fogo do ar.

Amanhã os aviadores devem visitar as redacções dos jornais, o quartel Guilherme Gomes Fernandes, assistindo, depois, á tourada á antiga portuguesa na praça da Areosa. A' noite deverão assistir á recita de gala no teatro Sá da Bandeira que, em honra dos herois, a companhia Armando de Vasconcelos, ali realiza.



ANDRE PAIN / EPA

O dia de ontem já ficou marcado pela contestação nas ruas.

França já tem novo governo, após 15 dias de incerteza

INSTABILIDADE Executivo pode ter vida curta, com a oposição a contestá-lo de imediato. Já houve até alguns protestos nas ruas.

França tem finalmente um novo governo, liderado pelo primeiro-ministro, Michel Barnier, dois meses depois de uma crise política, e que está já a ser atingido por críticas da oposição de esquerda e de direita. Mas mal tinha sido anunciada pelo secretário-geral do Eliseu, Alexis Kohler, na noite de ontem, a nova equipa governamental, composta por 39 membros, começou a ser contestada duramente pela oposição.

Para Jordan Bardella, líder da Assembleia Nacional, de extrema-direita, este novo governo "representa o regresso do macronismo" e "não tem futuro".

No outro extremo, o líder da esquerda radical, Jean-Luc Mélenchon – cujo movimento, França Insubmissa, faz parte da coligação maioritária de esquerda na Assembleia Nacional – apelou a que os franceses se "livrem o mais rapidamente possível" deste governo. Entretanto, os líderes dos partidos da coligação Nova Frente Popular (NFP), de esquerda, já anunciaram que apresentarão uma moção de censura ao novo Executivo apresentado.

Marine Le Pen, líder da extrema-direita francesa, prometeu também um combate cerrado e ameaça derrubar o governo de Barnier. "Este governo de transição é a consequência do ninho de vespas criado com alianças não naturais estabelecidas nas eleições legislativas", afirmou a líder da extrema-direita na sua conta da rede social X, referindo-se ao cordão sanitário que a impediu de chegar ao poder nas eleições legislativas de 30 de junho e de 7 de julho. Le Pen disse que a sua formação política vai "continuar a preparar a grande alternativa para que a França se levante".

O novo Executivo foi "arrancado a ferros", após 15 dias de negociações lideradas pelo primeiro-ministro, Michel Barnier, ele próprio nomeado após difíceis manobras políticas. A tendência da equipa governamental inclina-se claramente para a direita, a família política de onde vem Michel Barnier. A única figura da esquerda é o novo ministro da Justiça, Didier Migaud, um antigo socialista afastado da política ativa e desconhecido do público em geral.

DN com Agências

BREVES

Kamala quer novo debate. Trump recusa

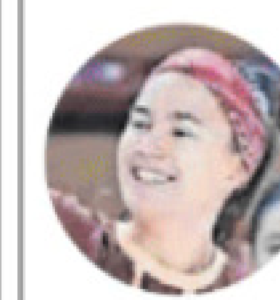
A candidata democrata à presidência dos EUA, Kamala Harris, desafiou o seu adversário republicano, Donald Trump, para novo debate, na CNN, em 23 de outubro, poucos dias antes das eleições.
"A vice-presidente Harris está pronta para enfrentar Donald Trump mais uma vez em palco", escreveu a sua equipa de campanha num comunicado. Mas o convite foi pouco depois recusado pelo candidato republicano. Num comício na Carolina do Norte, Trump defendeu ser "demasiado tarde" para um debate, por a votação antecipada está em curso desde sexta-feira.

Hóquei: Portugal perde uma final e falha outra

A seleção feminina de hóquei em patins perseguia a conquista inédita do Mundial, que decorreu em Novara, Itália, mas foi derrotada pela Espanha na final (2-0).
Também ontem, a seleção masculina, além de ter sido assaltada minutos antes das meias-finais (ficaram sem equipamento e bens pessoais), falhou o acesso à final ao perder com a Espanha nas grandes penalidades (2-1), após o empate 5-5 num encontros emocionante. A seleção procurava alcançar o 17.º título mundial, mas foi relegada para o jogo de atribuição do 3.º lugar, com a anfitriã Itália. A final é entre Espanha e Argentina.

Sobe & desce

POR **NUNO VINHA**

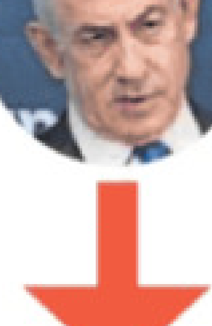


SELEÇÃO FEMININA DE HÓQUEI
A seleção feminina de hóquei em patins é a nova vice-campeã do Mundo da modalidade, depois de ter sido batida na final pela Espanha, por 2-0. Mas nem por isso Inês Severino e companheiras merecem menos reconhecimento, depois do belíssimo torneio que disputaram.



ANA PAULA MARTINS
A ministra da Saúde até pode ter a melhor das intenções com esta última intervenção nas escalas das urgências, mas impor eventuais revisões forçadas das férias dos profissionais tem tudo para correr mal. Além de que quem percebe do assunto diz que o problema não é de escalas, é de falta de médicos.





BENJAMIN NETANYAHU
A cada novo ataque "preventivo" no Sul do Líbano, o primeiro-ministro de Israel torna mais próxima uma escalada da guerra ao resto da região. Ninguém diz que Israel não se pode defender, mas já se percebeu que "proporcionalidade" parece ser palavra de tradução difícil para o PM israelita.



Conselho de Administração - Marco Galinha (Presidente), Kevin King Lun Ho, António Mendes Ferreira, Victor Santos Menezes, Vitor Coutinho, Diogo Queiroz de Andrade, José Pedro Soeiro, Mafalda Campos Forte **Direção** Filipe Alves (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira, Nuno Vinha e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Data Protection Officer** Nuno Silva **Propriedade** Global Notícias Media Group, SA; Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Almada. Capital social: 9 309 016,95 euros. NIPC: 502535369. Proprietário e editor: Rua Gonçalo Cristóvão,195-219 – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100. Fax: 222 096 200 Redação: Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 3.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 501 **Marketing e Comunicação** Carla Ascenção **Direção Comercial** Pedro Veiga Fernandes **Detentores de 5% ou mais do capital da empresa:** Páginas Civilizadas, Lda. – 41,51%, KNJ Global Holdings Limited – 29,35%, José Pedro Carvalho Reis Soeiro – 20,40%, Grandes Notícias, Lda. – 8,74% **Impressão** Gráfica Funchalense (Rua da Capela da Nossa Senhora da Conceição, 50, Morelena – 2715-029 Pero Pinheiro); Naveprinter (EN, 14 (km 7,05) – Lugar da Pinta, 4471-909 Maia) **Distribuição** VASP; Registado na ERC com o n.º 101326. **Depósito legal** 121 052/98 **Assinaturas** 219249999 Dias uteis das 8h às 18h E.mail: apoiocliente@dn.pt•




56766
5 605290 023026